

TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E ARTES:

O SUJEITO, O LÚDICO E A PRÁXIS
DO ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

João Paulo da Silva Brito



EDITORA CONHECIMENTO LIVRE

João Paulo da Silva Brito

TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E ARTES: O SUJEITO, O LÚDICO E A PRÁXIS DO ENSINO NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

1ª ed.

Piracanjuba-GO
Editora Conhecimento Livre
Piracanjuba-GO

1ª ed.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Brito, João Paulo da Silva
B862T TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E ARTES: O SUJEITO, O LÚDICO E A PRÁXIS DO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
/ João Paulo da Silva Brito. – Piracanjuba-GO

Editora Conhecimento Livre, 2023

61 f.: il

DOI: 10.37423/2023.edcl700

ISBN: 978-65-5367-273-4

Modo de acesso: World Wide Web

Incluir Bibliografia

1. tendências-pedagógicas 2. ensino-de-artes 3. educação-básica 4. lacan-e-freire I. Brito, João Paulo da Silva II. Título

CDU: 700

<https://doi.org/10.37423/2023.edcl700>

O conteúdo dos artigos e sua correção ortográfica são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

EDITORIA CONHECIMENTO LIVRE

Corpo Editorial

MSc Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior

MSc Humberto Costa

MSc Thays Merçon

MSc Adalberto Zorzo

MSc Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno

PHD Willian Douglas Guilherme

MSc Andrea Carla Agnes e Silva Pinto

MSc Walmir Fernandes Pereira

MSc Edisio Alves de Aguiar Junior

MSc Rodrigo Sanchotene Silva

MSc Wesley Pacheco Calixto

MSc Adriano Pereira da Silva

MSc Frederico Celestino Barbosa

MSc Guilherme Fernando Ribeiro

MSc. Plínio Ferreira Pires

MSc Fabricio Vieira Cavalcante

PHD Marcus Fernando da Silva Praxedes

MSc Simone Buchignani Maigret

Dr. Adilson Tadeu Basquerote

Dra. Thays Zigante Furlan

MSc Camila Concato

PHD Miguel Adriano Inácio

MSc Anelisa Mota Gregoleti

PHD Jesus Rodrigues Lemos

MSc Gabriela Cristina Borborema Bozzo

MSc Karine Moreira Gomes Sales

Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares

MSc Pedro Panhoca da Silva

MSc Helton Rangel Coutinho Junior

MSc Carlos Augusto Zilli

MSc Euvaldo de Sousa Costa Junior

Dra. Suely Lopes de Azevedo

MSc Francisco Odecio Sales

MSc Ezequiel Martins Ferreira

MSc Eliane Avelina de Azevedo Sampaio



10.37423/2023.edcl700



CAPÍTULO 1: A PEDAGOGIA LIBERAL E A PEDAGOGIA FREIRIANA: UMA PERSPECTIVA COMPARATIVA

BRITO, João Paulo da Silva

Resumo: É difícil distinguir entre a pedagogia liberal e pedagogia de Freire, simplesmente porque nenhum teórico ou educador da primeira pedagogia liberal escreveu um livro sobre esse assunto. A adesão ao discurso de manutenção da chamada neutralidade da educação confirma a ideologia não politizada das massas e garante a continuação da pedagogia de elite baseada na alienação e manipulação das classes inferiores às suas custas. Nesse sentido, o presente capítulo nasceu a partir da seguinte questão norteadora: Quais as principais características e diferenças da corrente pedagógica freiriana em comparação com a pedagogia liberal? Nesse sentido, o objetivo do presente capítulo é analisar algumas diferenças entre essas duas pedagogias em relação a questões da vida escolar e extraescolar, com enfoque no ensino de Artes. O capítulo justifica-se, uma vez que se apresenta como de fundamental importância para os profissionais pesquisadores e atuantes em educação, especialmente os professores de Artes. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico sendo método de amostragem não probabilístico, de caráter descritivo e abordagem qualitativa sendo as informações obtidas a partir de base de dados online. Concluiu-se que os dois métodos de ensino propostos, o Freiriano e Liberalismo são opostos em suas sugestões: coletivo em vez de individualidade, auto sacrifício e liberdade individual, consciência crítica e discernimento são opostos e polaridades irreconciliáveis. Há desequilíbrio nas escolas brasileiras, que se tornou um espaço pela doutrinação ideológica, que sufoca a subjetividade, despreza os valores familiares e coloca os grupos acima dos indivíduos.

Palavras-chave: Correntes Pedagógicas. Pedagogia Freiriana. Pedagogia Liberal.

Sumário

CAPÍTULO 1: A PEDAGOGIA LIBERAL E A PEDAGOGIA FREIRIANA: UMA PERSPECTIVA COMPARATIVA	3
1 INTRODUÇÃO.....	5
2 DESENVOLVIMENTO	6
2.1 PEDAGOGIA CRÍTICA FREIREANA	6
2.2 PEDAGOGIA LIBERAL E SUAS TENDÊNCIAS	10
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
REFERÊNCIAS	16
CAPÍTULO 2: O SUJEITO NA PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE LACAIANA	17
1 INTRODUÇÃO.....	18
2 DESENVOLVIMENTO	19
2.1 O ENTENDIMENTO DE SUJEITO	20
2.2 A PSICANÁLISE EM LACAIANA	24
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	30
CAPÍTULO 3: A INSERÇÃO DE JOGOS E BRINCADEIRAS PARA LEVAR A PRÁXIS DO ENSINO DE ARTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	31
1 INTRODUÇÃO.....	32
2 DESENVOLVIMENTO	34
2.1 REFLEXOS HISTÓRICOS GERAIS DOS JOGOS E DAS BRINCADEIRAS	36
2.2 JOGOS E BRINQUEDOS COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE ARTES.....	38
2.3 DESAFIOS E IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTES	44
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

É difícil distinguir entre pedagogia liberal e pedagogia de Freire, simplesmente porque nenhum teórico ou educador da primeira pedagogia liberal escreveu um livro sobre esse assunto. A razão é que o liberalismo é visto como um movimento político e econômico, caso em que é simpático. Mas não vemos a bibliografia liberal aplicável à educação escolar. Portanto, embora meu trabalho tenha se tornado mais difícil, já que tem que aplicar os princípios do liberalismo à educação de crianças e jovens, também é interessante porque posso desenvolvê-lo em um papel simples (GUIEIRO, 2016).

Para Arruda e Nascimento, (2020) a adesão ao discurso de manutenção da chamada neutralidade da educação confirma a ideologia não politizada das massas e garante a continuação da pedagogia de elite baseada na alienação e manipulação das classes inferiores às suas custas. A desvalorização do legado de Paulo Freire reflete o lado negativo de sua insistência em rejeitar a nossa educação.

Uma rápida olhada nas políticas educacionais nacionais e internacionais atuais para tentar determinar suas prioridades nos permite avaliar os benefícios estratégicos da perspectiva de ensino de Freire. Pelo menos de dois a trinta anos depois, as políticas de educação nacionais e internacionais foram atraídas por resultados de medição, avaliação e aprendizagem. Um discurso de um país para outro pode ser um pouco diferente, mas tem as mesmas características em todo o mundo: é necessário vincular as políticas e reformas educacionais com evidências (AKKARI; MESQUIDA, 2020).

Guieiro (2016) enfatiza que embora a pedagogia liberal acredite que os indivíduos são capazes de dominar suas próprias vidas, verdadeiramente livres e socialmente liberados, e alcançar seus objetivos pessoais, eles são cidadãos com direito à vida natural. Ao contrário, Paulo Freire considera a vida uma realidade e acredita que os alunos são oprimidos pelo sistema capitalista, devendo os professores abrir os olhos (a chamada consciência crítica) para perceber os motivos desta opressão. Além de confiá-los, alunos e professores devem se unir e fazer uma revolução socialista.

Nesse sentido, o presente capítulo nasceu a partir da seguinte questão norteadora: Quais as principais características e diferenças da corrente pedagógica freiriana em comparação com a pedagogia liberal? Assim sendo, o objetivo do presente capítulo é analisar algumas diferenças entre essas duas pedagogias em relação a questões da vida escolar e extraescolar com enfoque no ensino de Artes. Para tanto é necessário em um primeiro momento contextualizar os aspectos gerais acerca da Pedagogia Freiriana e posteriormente a respeito da Pedagogia Liberal.

O capítulo justifica-se uma vez que se apresenta como de fundamental importância para os profissionais pesquisadores e atuantes em educação, especialmente os professores de Artes, uma vez que é uma temática atual e de suma importância. Há valor preditivo para a literatura científica como um todo, pois fortalecerá e proporcionará conhecimento efetivo para as demandas atuais em educação.

Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico sendo método de amostragem não probabilístico, obtida as informações a partir de base de dados do Lilacs, Scileo e Google Acadêmico, tendo como critérios de inclusão: textos de cunho bibliográfico que abordem o tema da pedagogia freiriana e/ou liberal. Foram excluídos os materiais incompletos e/ou textos repetidos entre as bases de dados. É ainda de caráter descritivo, Mascarenhas (2014) ressalta que as pesquisas descritivas compreendem a descrição das características a respeito de determinado fenômeno ou população, ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

O estudo teve por abordagem qualitativa, se tratando da abordagem, Freitas e Jabbour (2011) destacam que é apropriada para a análise de estudos complexos, que apresentam técnicas variadas tanto para a coleta quanto para a análise dos dados, esse tipo de pesquisa se preocupa com os problemas sociais. A análise qualitativa é a mais indicada para os estudos complexos de natureza descritiva.

2 DESENVOLVIMENTO

O método de ensino de Freire é baseado no marxismo e nas ideias socialistas e é o melhor projeto de sociedade, simpatia essa sempre foi afirmada por Freire. Não por acaso, os políticos de esquerda o usaram como referência em seus planos de governo. Ao contrário, os liberais buscam referências entre grandes representantes da liberdade individual e defensores do livre mercado como forma de alcançar uma sociedade mais próspera e pacífica. Seus nomes favoritos incluem Adam Smith, Friedrich Hayek e Ludwig Von Mises (GUIEIRO, 2016).

2.1 PEDAGOGIA CRÍTICA FREIREANA

Paulo Freire usou conceitos ideológicos marxistas para construir sua teoria da educação como uma ferramenta para a mudança social. Ele criticou o teimoso fatalismo do discurso neoliberal. Este fatalismo insiste em nos convencer de que somos impotentes. Do ponto de vista histórico e cultural, tornou-se próximo da natureza, que é impotente para a realidade social. Nesse sentido, Paulo Freire promoveu o desenvolvimento de sua pedagogia da educação política, incluindo o oprimido como

principal categoria do discurso, e condenando a "desumanização da opressão" como caminho para a emancipação política (ARRUDA; NASCIMENTO, 2020).

A pedagogia crítica de Freire apresenta o conceito de empoderamento, que sustenta que empoderamento é um processo de comportamento social no qual o sujeito domina a vida por meio do desenvolvimento da prática social. Esse processo pode desencadear um pensamento crítico sobre suas condições de vida, propiciando a construção de capacidades pessoais e sociais e a transformação das relações sociais de poder. O conceito de empoderamento está além do escopo da libertação individual porque envolve a transformação de toda a sociedade (OLIVEIRA; HESSEL; PESCE, 2020).

Embora a democracia liberal presuma que os cidadãos são iguais na forma, Paulo Freire também acredita que o mundo social se divide entre opressores e oprimidos. O opressor controla os meios de produção e os recursos econômicos e simbólicos da sociedade para servir à sociedade. Portanto, a opressão é antes de tudo a opressão capitalista, mas a opressão também é simbólica e cultural. Os opressores acreditam que seu conhecimento, seus representantes, seu conhecimento, seu modo de viver e sua visão de mundo são superiores e melhores, e devem ser impostos aos oprimidos voluntariamente ou pela força na forma de invasão cultural. No que se refere ao papel das instituições educacionais e escolares, são necessárias porque ajudam a classificar ou selecionar indivíduos e legitimar conhecimentos que merecem atenção e divulgação. Portanto, para Freire, esta escola será uma parte opressora interessada (AKKARI; MESQUIDA, 2020).

Podemos estabelecer uma aproximação entre o método crítico de ensino de Freire e a aprendizagem ao longo da vida. Afinal, Freire esclareceu que não somos a vida decisiva no perpétuo movimento formativo (incluindo a busca pelo conhecimento). Em seu entendimento, a existência inacabada é a característica da experiência importante, na qual entende-se que onde há vida, não há conclusão (OLIVEIRA; HESSEL; PESCE, 2020).

Fica claro que Freire por muito tempo foi e ainda é perseguido por conservadores que afirmam se opor à chamada instilação da ideologia comunista de esquerda, mas não podemos perder de vista que Paulo Freire colabora com a educação brasileira a partir dos seguintes pressupostos: consciência, liberdade e diálogo, defendendo a "ação cultural" dos oprimidos, exercendo o "direito ao conhecimento". Para ele, a educação fará de gente emergente, mas caótica, ingênua e inadequada uma ferramenta, caracterizada por um índice alarmante de analfabetismo, levando à construção de outro país moderno e democrático (ARRUDA; NASCIMENTO, 2020). A visão Freiriana nos orienta a considerar a educação como um processo contínuo, pois deixa claro que somos uma pessoa inacabada, em um processo de

aprendizagem, desenvolvimento e crescimento contínuo, que nunca se esgota (OLIVEIRA; HESSEL; PESCE, 2020).

Freire enfatizou em seus livros acerca das condições para a criação de "outra educação" entre trabalhadores, alunos e professores, em sindicatos, associações, comunidades, escolas, etc., enfatizando para não aceitarem educação para a exploração dos oprimidos, promovendo a educação para a autonomia, educação para a formação de cidadãos de pleno direito, e não educação para a formação de cidadãos de segunda classe. Na verdade, Freire atacou o que chamou de mal do neoliberalismo em seu livro. A rigor, a orientação ideológica da última metade da vida de Freire, sem dúvida, significativa no contexto da atual a maré de refugiados e imigrantes (AKKARI; MESQUIDA, 2020).

O método de ensino de Freire é imortal na trajetória educacional passada e presente. Sua teoria tem sido estudada em universidades e formação de professores em diferentes países, refletida na prática pedagógica de milhares de professores, e é altamente considerada por diferentes departamentos e organizações sociais. Se Paulo Freire incomoda muita gente, podemos imaginar o quanto suas ideias se expandiram e se multiplicaram pelo mundo. Ele destaca que diante da própria humanização, quem realmente se liberta é capaz de desencadear revoluções mútuas, o caminho para a consciência e a liberdade é infinito (ARRUDA; NASCIMENTO, 2020).

Portanto, Paulo Freire defende uma prática de ensino, um método de ensino a partir dos oprimidos, em processo de esforços constantes para restaurar sua humanidade, deve estar com ele e não para ele (seja um homem ou um povo). Isso vai ser uma espécie de pedagogia e vai levar a participar da luta pela libertação conforme necessário, nessa luta, esse tipo de pedagogia vai se realizando e se aperfeiçoando (AKKARI; MESQUIDA, 2020).

Na perspectiva de Freire, o termo empoderamento parece ser caracterizado pelo processo de conscientização coletiva que ocorre nas interações individuais, o que ajuda a mudar o status quo. Não é um indivíduo, não é uma comunidade, não é apenas uma sociedade, mas o conceito de autorização atrelado à classe social (OLIVEIRA; HESSEL; PESCE, 2020). Freire disse que a pedagogia não é politicamente neutra. Este não é apenas um fato que causa desigualdades sociais, mas também pode se tornar um fator de libertação sob certas condições (AKKARI; MESQUIDA, 2020).

Se a educação não é neutra, podemos apenas dizer que é política. Além disso, não virou política por decisão desse ou daquele educador. Sua natureza política se dá em diálogos, debates sobre questões cotidianas, expressões de pensamento e curiosidade e descobertas sobre a vida, valores, crenças,

atitudes e o ser humano neste mundo. Por meio de um debate crítico da realidade, os professores, como líderes da revolução, cooperam para libertar os outros. Freire acredita que algumas reflexões reais sobre a prática são necessárias, portanto, em essência, a ação política com os oprimidos deve ser uma ação cultural pela liberdade, devemos esquecer que a libertação dos oprimidos é a libertação das pessoas, não a libertação das "coisas". Portanto, se não for pela autolibertação, ninguém será liberado sozinho, e ninguém será liberado (ARRUDA; NASCIMENTO, 2020).

O conceito de aprendizagem ao longo da vida tornou-se uma ferramenta poderosa de autonomia, empoderamento e libertação digital, especialmente para os idosos. Esse conceito se confunde com o pensamento de Freire sobre a humanidade inacabada e a educação permanente. Ao considerar o debate sobre a compreensão da educação permanente, Freyre propôs uma educação permanente com dimensão humanística: por um lado, é a razão da finitude humana, e por outro, é porque as pessoas percebem que têm finitude (OLIVEIRA; HESSEL; PESCE, 2020).

A pedagogia de Paulo Freire exige buscar a utopia, mas também buscar a superação das declarações de condenação feitas pela superação do aprisionamento e da inteligência passiva. Ele nos convidou não apenas a ser críticos, mas também a ter consciência de classe. Por sua vez, isso não está faltando apenas nas classes marginalizadas e oprimidas, mas principalmente na classe média. Eles são a força de elite dos fortes em serviço. Da mesma forma que os ricos usam o dinheiro, as pessoas tendem a ver o conhecimento valioso como algo que deve pertencer à sua classe social. Portanto, sua participação em um golpe de Estado contra a classe popular tem muito a ver com a estratégia de reconquistar privilégios, mas muito pouco a ver com a moral e a estratégia de combate à corrupção (ARRUDA; NASCIMENTO, 2020).

O conceito de libertação de Freire é dialético e coletivo, porque se ninguém liberta ninguém e ninguém se liberta, as pessoas serão liberadas em comunhão, como ninguém liberta ninguém, ninguém liberado sozinho, esta é a libertação de pessoas juntas, isso porque a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos é libertar-se e assim libertar os opressores, portanto, a libertação dos oprimidos é a condição para a libertação do opressor (AKKARI; MESQUIDA, 2020).

A pedagogia de Paulo Freire é uma pedagogia humanística e humanizada no período em que triunfaram as ferramentas e a pedagogia técnica para os serviços econômicos, além de praticar a pedagogia humanizada, não há outro caminho. Nesse método, o líder revolucionário não se sobrepõe ao oprimido e continuar a mantê-los como quase "coisas" e estabelecer com eles uma relação de diálogo permanente (AKKARI; MESQUIDA, 2020).

Não é uma escola sem partido, mas um partido único absoluto: um partido intolerante com visões de mundo diferentes ou hostis, conhecimento, educação, justiça e liberdade; portanto, diferentes aspectos como xenofobia, gênero, raça, pobreza e espera. Portanto, um partido político ameaça as bases da liberdade e da democracia liberal, mesmo além de seus marcos limitados e formais (ARRUDA; NASCIMENTO, 2020).

Freire descreveu o Brasil como uma "sociedade de trânsito" ou "sociedade fechada e dividida" entre diferentes grupos de interesse: pequenas elites sociais e grande número de pessoas caindo na pobreza. A falta de consciência crítica ou experiência democrática é a raiz da obediência e da adaptação aos hábitos de obediência (AKKARI; MESQUIDA, 2020).

Ao falar sobre a inclusão digital de adultos, Freire destaca para encarar essa ação (inclusão social) como uma forma de educação na perspectiva da educação permanente. Isso é consistente com a noção de Freire de que somos sujeitos sociais inacabados. Esse entendimento corrobora a noção de que a educação é um direito de todos, pois é importante para alcançar a participação democrática e a justiça social em um sentido amplo (OLIVEIRA; HESSEL; PESCE, 2020).

2.2 PEDAGOGIA LIBERAL E SUAS TENDÊNCIAS

A pedagogia liberal trouxe a ideia de que o objetivo principal da escola é formar os indivíduos para desempenhar papéis sociais com base em seus talentos. Isso nos leva a acreditar que os indivíduos precisam se adaptar às normas e valores vigentes na sociedade de classes, desenvolvendo sua própria cultura. Quando a ênfase está nos aspectos culturais, as diferenças entre as classes sociais não são mais consideradas, pois embora as escolas tenham começado a difundir a ideia da igualdade de oportunidades, elas não consideram as condições desiguais. Portanto, este é o conceito filosófico e epistemológico dominante em uma sociedade caracterizada pela estrutura social capitalista, onde a função da escola, especialmente a função de ensino, concentra-se na ideologia dominante (THIENGO, 2018).

Há, no entanto, duas outras ramificações da tendência liberal, são elas a tendência liberal renovada não-diretiva e a tendência liberal tecnicista. No que diz respeito à tendência liberal não-diretiva, nesta tendência destaca-se o papel da escola na formação de atitudes, razão pela qual deve dar mais atenção às questões psicológicas do que às questões pedagógicas ou sociais. Todos os esforços devem ser direcionados às mudanças internas individuais, ou seja, à adaptação individual às necessidades ambientais. A retenção se deve à relevância do conhecimento apreendido para o "eu", o que torna a

avaliação escolar sem sentido, priorizando a autoavaliação. Este é um ensino centrado no aluno e o professor é um facilitador (SILVA, 2000).

No campo da educação, a teoria do capital humano produziu um conceito tecnocrático completo de ensino e organização educacional e, finalmente, mistificou seu verdadeiro objetivo. Sob a liderança desse ponto de vista tecnocrático, essa ideia começou a se espalhar, ou seja, a educação é um pré-requisito para o desenvolvimento econômico e pessoal, e os indivíduos vão se "cuidar" com a mesma lógica ao receberem educação. Portanto, o capital humano transfere os problemas de integração social, emprego e desempenho profissional para o nível individual, e torna a educação "valor econômico". Sua equação iguala capital e trabalho a eles como "fatores de produção". Além disso, sendo a educação um fator econômico considerado essencial para o desenvolvimento, legitima a ideia de que o investimento em educação é determinado pelos padrões de investimento capitalista (THIENGO, 2018).

Assim, a escola técnica liberal está comprometida com a melhoria da ordem social vigente (sistema capitalista) e está diretamente ligada ao sistema de produção, para isso adota a ciência da mudança de comportamento, ou seja, a tecnologia do comportamento. Portanto, seu objetivo principal é formar indivíduos "capazes" para o mercado de trabalho sem se preocupar com as mudanças sociais (SILVA, 2000).

A pedagogia tecnicista existe na reforma universitária no âmbito do neoliberalismo, e ainda existe no ensino superior brasileiro. O neotecnicismo está relacionado a uma série de termos na convivência das grandes corporações, como "valor agregado", "garantia de qualidade", "responsabilidade", "transparência", "melhores práticas", "contribuição", etc. No início do conflito com os neoliberais, há mais de 20 anos, foi dado o termo "novos técnicos", que é um resgate dessa pedagogia e aumento da vigilância nos próximos anos, não o termo, a necessidade de reconceituar. Infelizmente, a previsão para seu aprimoramento é certa, e isso aconteceu nos anos seguintes (THIENGO, 2018).

Escolas tecnicistas baseadas na teoria de aprendizagem S-R tratam os alunos como reservas de conhecimento passivo, que devem ser acumuladas em suas mentes por meio de associação. Skinner é o principal representante dessa tendência, também conhecida como behaviorista. A visão behaviorista é que aprendemos a linguagem imitando e formando hábitos, portanto, a ênfase é colocada na repetição, prática e ensino programático, para que os alunos se tornem um "hábito" de usar a linguagem corretamente (SILVA, 2000).

A discussão da cidadania tornou-se um dos problemas frequentes na tradição do pensamento político ocidental, sendo assim, muitas vezes, as pessoas reavaliam as hipóteses do sujeito sob diferentes contextos históricos, obtendo, assim, um sentido rico e amplo. É por isso que o termo "cidadania" é, sem dúvida, ambíguo, por isso não há dúvida de que pode ser expresso e explicado de várias maneiras. Ao longo da história da filosofia política, o termo possui duas importantes tradições de interpretação, a saber, o republicanismo e o liberalismo, entre as quais existem muitas possibilidades (MARCOS, 2015).

De acordo com essa escola tradicional, os alunos são ensinados a alcançar todas as conquistas por meio de seus próprios esforços. Portanto, as diferenças de classes sociais não são consideradas e todas as práticas escolares nada têm a ver com o dia a dia dos alunos. No que diz respeito à hipótese de aprendizagem, a ideia de que o ensino inclui o espírito de transmitir conhecimentos às crianças é acompanhada por outra visão: a capacidade de assimilação das crianças é a mesma dos adultos, sem considerar as características de cada idade. Portanto, o aluno é considerado um pequeno adulto com apenas um fraco desenvolvimento (SILVA, 2000).

Do ponto de vista de Tocqueville, as virtudes cívicas podem ser consideradas a partir da conexão entre liberdade política e participação política, pois por meio da política e da sociedade civil, além de doutrinas de interesses reconhecidas, os indivíduos aprendem a superar o isolamento e o consequente obstáculo político. Portanto, o liberalismo de Tocqueville parte da análise democrática americana, a fim de evitar o risco da tirania da maioria, baseada nas ideias de liberdade e iniciativa individual, irá promover o desenvolvimento da educação cívica através da arte da associação e boas teorias. O propósito de compreender a intenção dos cidadãos é exercer bem a sua igualdade por meio da liberdade, de modo a evitar que o estado se desvie de suas funções. Como Manent enfatizou, é importante lembrar que as oportunidades teóricas de Tocqueville priorizam os aspectos políticos, e não pensadores como Comte e Marx, que tratam os aspectos econômicos como determinantes de sua interpretação social (MARCOS, 2015).

A pedagogia tecnicista é influenciada pela filosofia positivista e pela psicologia comportamental norte-americana, esta última que considera a aprendizagem uma modificação do comportamento e tem base na filosofia positivista. Já o sistema educacional é visto como um sistema aberto que tem uma interação permanente com o meio ambiente, ele recebe os insumos processados e devolve o resultado ao produto no meio ambiente. Como resultado, o sistema educacional passou a ser visto

como um sistema aberto que interage permanentemente com o meio ambiente, do qual recebe os insumos processados e retorna os resultados ao meio ambiente (THIENGO, 2018).

Em certo sentido, a conhecida doutrina do interesse é baseada na racionalidade individual, e eles superarão seu egoísmo ao agirem de acordo com seus próprios interesses. Nesse caso, superar o egoísmo significa atuar de acordo com os interesses entendidos no jogo das relações políticas e manter a vida democrática. Agindo desta forma, ou seja, ao combinar a disposição da organização com o ponto de vista de uma ação interessante e compreensível, comprova o nascimento de um ponto de vista moral liberal e prático democrático através da participação e da participação política. Sem dúvida, a resposta de Tocqueville à questão da indiferença política é que ela separa e divide os cidadãos (MARCOS, 2015).

Como pré-requisito para a aprendizagem, aprender torna-se uma atividade de descoberta, é autoaprendizagem, e o ambiente é apenas um meio estimulante. Por meio da descoberta pessoal, apenas o conteúdo relacionado às atividades do aluno é retido, as coisas combinadas passam a fazer parte da estrutura cognitiva utilizada na nova situação (SILVA, 2000).

A pedagogia tecnicista é influenciada pela filosofia positivista e pela psicologia behaviorista americana, esta última considera a aprendizagem uma modificação do comportamento, e também se baseia na filosofia positivista. Agora, o sistema de ensino é visto como um sistema aberto que tem uma interação permanente com o meio ambiente, “recebe os insumos processados e devolve os resultados ao meio ambiente”. Como resultado, o sistema educacional passou a ser visto como um sistema aberto que interage permanentemente com o meio ambiente, do qual recebe os insumos processados e retorna os resultados aos produtos do meio ambiente (THIENGO, 2018).

De fato, o sistema democrático americano tem uma finalidade de ensino político implícita, que está ligada à demanda por condições naturais, mesmo que as condições de igualdade sejam assimétricas, as condições naturais devem se desenvolver na direção de interesses comuns. Como vimos esses dois regulamentos são: 1 - Dar prioridade aos seus próprios interesses, de modo que as pessoas devem primeiro prestar atenção aos interesses privados e ao bem-estar privado; 2 - Todos querem seguir seus próprios desejos para expressar autonomia, queremos dizer, pensar, agir e sentir por nós mesmos. Tocqueville acredita que para evitar que a primeira tendência tenha efeitos prejudiciais, a segunda tendência deve ser artificialmente reforçada. Portanto, salvaguardar a liberdade dos cidadãos não significa impedir seu livre desempenho, mas sim morder e minar sua motivação para a ação entre os democratas (MARCOS, 2015).

Então, o papel do professor é providenciar situações de emergência intensificadas para aumentar a probabilidade da resposta aprendida. Essas situações inesperadas serão um estímulo para os alunos, fazendo com que sejam induzidos a reagir conforme o esperado. Nesse sentido, o papel da escola é organizar o processo de aquisição de habilidades, atitudes e conhecimentos específicos, úteis e necessários para que os indivíduos se integrem nas máquinas do sistema social global. Este sistema social é governado por leis naturais (a mesma regularidade e a mesma relação funcional podem ser observadas entre os fenômenos naturais na sociedade). Portanto, a escola se conecta diretamente com o sistema de produção para melhorar a ordem social atual (o sistema capitalista). Para tanto, adota a ciência da mudança de comportamento, ou seja, a tecnologia comportamental. Seu interesse direto é treinar indivíduos "capazes" para o mercado de trabalho a fim de fornecer informações precisas, objetivas e rápidas de maneira eficaz (THIENGO, 2018).

Portanto, a conhecida teoria do interesse faz parte do fortalecimento dos laços sociais, é entendida a educação como um processo formador de hábitos de formação do gosto. Na verdade, esse processo é longo e não tem prognóstico, no entanto, é inegável que isso é resultado de convenções e atividades políticas em que os laços sociais são vistos como superiores aos interesses privados (MARCOS, 2015).

De um modo geral, é compreensível que a pedagogia tecnicista pressupõe a descentralização do conhecimento e o aumento da especialização científica, o que não é propício à construção da visão global e, portanto, não propicia a formação global do indivíduo. A reorganização do sistema educacional brasileiro com base na tecnologia educacional inclui: o cumprimento de metas para garantir a eficiência do processo educacional; ênfase no uso de recursos audiovisuais no ensino e no desenvolvimento de componentes programáticos de ensino; resumo e avaliação periódica; a separação entre planejadores e educadores, o que leva à descentralização do processo de ensino; técnicos/especialistas em educação planejam e controlam o processo educacional para garantir a produtividade do processo (THIENGO, 2018).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo discutiu-se sobre dois métodos de ensino, o Freiriano e Liberalismo. Portanto, que o primeiro tema é obviamente centrado no coletivo, porque seu conceito e inspiração são marxistas, e não se preocupa com a vida livre das crianças e dos jovens. O segundo liberal despreza a ideia de verdade porque teme que aqueles que acreditam na verdade façam tudo ao seu alcance para impô-la aos outros; pelo contrário, ele acredita que o insight de todos é uma luz real, e todos os alunos podem

fazer, eles são livres para estabelecer seu próprio destino sob o peso da sociedade, eles naturalmente têm sua própria vontade e vida.

A escola de hoje é um espaço de doutrinação para a liberdade. O preconceito do planejamento curricular e da cooperação com os alunos mina os valores naturais, como o direito à vida, propriedade privada, liberdade de expressão e obtenção da felicidade. Em vez disso, eles defendiam a luta de classes. A formação de doutores e pesquisadores adotados pelo Estado como base da educação fortaleceu esses conceitos, e a pedagogia de Paulo Freire é o melhor exemplo de negação da liberdade individual e do livre mercado.

Conclui-se que os dois métodos de ensino propostos, o Freiriano e Liberalismo são opostos em suas sugestões: coletivo em vez de individualidade, auto sacrifício e liberdade individual, consciência crítica e discernimento são opostos e polaridades irreconciliáveis. Há desequilíbrio nas escolas brasileiras, que se tornou um espaço pela doutrinação ideológica, que sufoca a subjetividade, despreza os valores familiares e coloca os grupos acima dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- AKKARI, A.; MESQUIDA, P. A pedagogia crítica e emancipatória de inspiração freireana. *Roteiro*, v. 45, 2020.
- ARRUDA, R. L.; NASCIMENTO, R. N. A. Paulo Freire perseguido: a pedagogia freireana na mira do Escola Sem Partido. *Educação & Linguagem*, v. 23, n. 2, p. 47-74.
- BORDALO, A. A. Estudo transversal e/ou longitudinal. *Revista Paraense de Medicina*, v. 20, n. 4, p. 5, 2006.
- FREITAS, W. R. S.; JABBOUR, C. J. C. Utilizando estudo de caso (s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. *Revista Estudo & Debate*, v. 18, n. 2, 2011.
- GUIEIRO, N. A. *Pedagogia Liberal Versus Pedagogia Freireana*. [S.l]: Educação Liberal Series, 2016. 75 p. ISBN: 1973392569.
- MASCARENHAS, S. A. *Metodologia Científica*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 125 p, v. 2, 2014.
- OLIVEIRA, W. C.; HESSEL, A. M. G.; PESCE, L. Envelhecimento e Inclusão Digital: Autonomia e Empoderamento à Luz da Pedagogia Crítica Freireana. *Revista Prâxis*, v. 3, p. 85-101, 2020.
- ROHLING, M. A igualdade e a liberdade em Tocqueville—contribuições para o desenvolvimento da virtude cívica liberal. *Em Tese*, v. 12, n. 1, p. 80-107, 2015.
- SILVA, D. B. As principais tendências pedagógicas na prática escolar brasileira e seus pressupostos de aprendizagem. *Linguagens & Cidadania*, v. 2, n. 1, 2000.
- THIENGO, L. C. A pedagogia tecnicista e a educação superior brasileira. *Cadernos UniFOA*, v. 13, n. 38, p. 59-68, 2018.

CAPÍTULO 2: O SUJEITO NA PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE LACAIANA

Resumo: A psicanálise não é fruto da especulação, mas fruto da experiência, e por isso, como todos os novos produtos da ciência, é incompleto. Lacan resgatou os textos originais de Freud abandonados pelos pós-freudianos que se concentraram apenas em comentários sobre esses textos: Por um lado, Lacan resgatou no texto de Freud certas categorias que nunca haviam sido submetidas a uma avaliação efetiva. Este capítulo tem como objetivo discutir a temática do sujeito lacaniano, e é sabido que as concepções teóricas sobre a temática são atribuídas à obra de Freud sobre o inconsciente. Embora Freud nunca tenha estabelecido uma teoria ou filosofia sobre essa questão, essa questão não tem nada a ver com a doutrina analítica. O capítulo justifica-se uma vez que trata-se de um tema fundamental importância e pouco explorado. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico descritivo e abordagem qualitativa, sendo método de amostragem não probabilístico, obtida as informações a partir de base de dados online. Embora a psicanálise lacaniana seja um tema frequente em tópicos que envolvem os campos da psiquiatria e da psicologia (incluindo muitos não profissionais), poucas pessoas estabeleceram a verdadeira base que norteia seus conceitos. Ficou evidente que na psicanálise lacaniana, o sujeito é considerado o produto do discurso da outra parte. Ao reconhecer que o sentido existe apenas por meio de coisas que são cortadas, estamos falando sobre o homem cindido em relação a si mesmo: esta é a definição do inconsciente do sujeito.

Palavras-chave: Psicanálise Lacaiana. Sujeito do Inconsciente. Lacan e Freud.

1 INTRODUÇÃO

A psicanálise não é fruto da especulação, mas fruto da experiência, e por isso, como todo novo produto científico, é incompleto. É possível a qualquer um convencer-se por suas próprias investigações da correção das teses nele contidas e contribuir para o desenvolvimento do estudo. Nos textos freudianos a que Lacan se referiu, a aproximação entre psicanálise e linguagem tornou-se ainda mais clara. Em busca de cruzamentos entre a linguística de Saussure, especialmente o conceito de significante e significado, a psicanálise freudiana e a antropologia estrutural de Lèvy-Strauss, Lacan empreende uma importante empreitada, qual seja, devolver a psicanálise à posição central do inconsciente perdida por uma excessiva ênfase em aspectos conscientes (PEREZ, 2016).

Lacan resgatou os textos originais de Freud que haviam sido abandonados pelos pós-freudianos que se concentravam apenas em comentários sobre esses textos: Por um lado, Lacan resgatou no texto de Freud certas categorias que nunca haviam sido efetivamente investigadas. Por outro lado, Lacan produziu novos conceitos que, embora já possam ser considerados implícitos no texto de Freud, quando esclarecidos, isto é, nominais, poderiam não apenas corrigir o campo teórico, mas também introduzir nele novas perspectivas (MELLO, 2015).

Portanto, é necessário concluir que embora o inconsciente seja freudiano, o sujeito é lacaniano. Portanto, é por meio do desenvolvimento da teoria do sujeito em seu retorno ao projeto de Freud que estamos aqui para utilizar as ideias temáticas de Lacan para a pesquisa. Nesse sentido, somos lacanistas aqui, não freudistas! A afirmação se baseia no discurso de Lacan na única conferência da América Latina realizada em Caracas em 1980. Lacan (1998) passou a usar estruturas de linguagem para expressar o subconsciente no chamado discurso romano. Tornou-se realidade por meio de um encontro com Levi Strauss, que o apresentou à linguística estrutural de Roman Jakobson e Saussure (PAES, DELLAGNELO, 2015).

Este capítulo tem como objetivo discutir a temática do lacanismo, e é sabido que as concepções teóricas sobre a temática são atribuídas à obra de Freud sobre o inconsciente. Embora Freud nunca tenha estabelecido uma teoria ou filosofia sobre essa questão, essa questão não tem nada a ver com a doutrina analítica. O capítulo justifica-se uma vez que trata-se de um tema fundamental importância e pouco explorado.

Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico sendo método de amostragem não probabilístico, obtida as informações a partir de base de dados do Lilacs, Scileo e Google Acadêmico, tendo como

critérios de inclusão: textos de cunho bibliográfico que abordem o tema da pedagogia freiriana e/ou liberal. Foram excluídos os materiais incompletos e/ou textos repetidos entre as bases de dados. É ainda de caráter descritivo, Mascarenhas (2014) ressalta que as pesquisas descritivas compreendem a descrição das características a respeito de determinado fenômeno ou população, ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

O estudo teve por abordagem qualitativa, se tratando da abordagem, Freitas e Jabbour (2011) destacam que é apropriada para a análise de estudos complexos, que apresentam técnicas variadas tanto para a coleta quanto para a análise dos dados, esse tipo de pesquisa se preocupa com os problemas sociais. A análise qualitativa é a mais indicada para os estudos complexos de natureza descritiva.

2 DESENVOLVIMENTO

A psicanálise tem sua história de divergências e multiplicidade de perspectivas tão rica quanto tem a filosofia no mesmo período (o século XX). Entretanto, a constante de todas as escolas foi a indagação sobre o desejo em relação com o indivíduo dividido ou o sujeito em questão. Dentro dessa heterogeneidade de escolas entendemos a psicanálise como o dispositivo teórico que permite acolher a experiência do sujeito em relação com o desejo e as barreiras que o interditam. Isso nos coloca numa tradição conceitual que poderíamos reconhecer como lacaniana. Tanto quanto outras tradições ou linhas conceituais a psicanálise lacaniana contemporânea se debate internamente numa série de correntes (PEREZ, 2016).

Conforme destacam Mexko e Galhardi (2017), mesmo dentro da Psicologia, as diversas abordagens teóricas diferem no entendimento. A Psicanálise lacaniana traz uma contribuição importante, a partir da compreensão de como se dá a constituição psíquica. Esta compreensão não nega as questões biológicas, as quais podem ou não existir, mas lança um novo olhar para o sujeito, para além do biológico, colocando a relação do infans com seu outro no cerne da constituição subjetiva.

A fim de fornecer uma atmosfera científica para a análise psicológica, Lacan inspirou-se especialmente nas criações de Saussure, Jacobson e Levi Strauss ao reinterpretar Freud. De Saussure usa a arbitrariedade do signo e o conceito de seu valor diferencial para subverter o signo da língua saussuriana dando prioridade ao signo, pois agora ele tem outro valor que não se limita a sustentar o sentido, mas a fazer “uma espécie que pode resistir à barreira de todos os significados (PAES, DELLAGNELO, 2015).

A influência de Lacan na França tem sido especialmente clínica, nos países anglo-saxões a influência se concentrou no eixo literatura-cinema-feminismo. Por outro lado, há duas gerações interpretativas: a velha escola de Mannoni, Leclaire e Safouan que privilegiam os problemas clínicos e a função do Simbólico e a geração mais jovem de Jacques Alain Miller, Michel Silvestre e Alain Grosrichard que tem tratado de formalizar a teoria lacaniana, diferenciando as etapas do ensino de Lacan e dando importância central para o Real como o que resiste à simbolização. Paralelamente, a interpretação marxista-estruturalista feita por Althusser e Michel Pêcheux destaca a noção de sujeito lacaniano como compatível com o materialismo histórico (PEREZ, 2016).

2.1 O ENTENDIMENTO DE SUJEITO

Pode-se dizer que o conceito de tema é uma referência que sempre existe na obra de Freud, mas existe de forma implícita. A palavra "tema" aparece duas vezes em todos os escritos de Freud e não tem valor conceitual. Depois que Lacan voltou para Freud, ele recebeu a tarefa de extrair referências e esclarecê-las. Toda a obra de Lacan é um debate crítico sobre o assunto e sua formalização. Portanto, muitos dos termos que Lacan usou para desenvolver sua teoria disciplinar vieram das descobertas de Freud, como "subconsciente", "desejo" e "disciplinaridade". Outros termos, como "deficiência constitutiva" e "objeto a", "a causa do desejo do objeto" e "o produto remanescente da operação de divisão do sujeito" são os excelentes termos de Lacan (PAES, DELLAGNELO, 2015).

Em Lacan, encontramos uma teoria da subjetividade que defende a inadequação de qualquer objeto empírico ao desejo. Dessa maneira, qualquer objeto que for posto na mira do desejo não passará, afinal, de uma miragem, uma vez que nunca haverá complementaridade ou adequação natural entre o desejo e qualquer objeto definível: quanto mais o homem se aproxima, cerca e afaga o que acredita ser o objeto de seu desejo, mais é, na verdade, afastado, desviado dele (LIMA, 2018).

Portanto, Lacan propôs o aforismo inconsciente em "Exemplos de cartas inconscientes" ou as Causas desde Freud, construído como uma linguagem pela qual o significado simbólico é dado a primazia. Para tanto, Lacan adotou o diagrama esquemático de símbolos da linguagem de Saussure, mas o torceu para corrigir o paralelismo entre o indicador e o indicado, ao mesmo tempo em que manteve o papel do indicador na determinação do indicado em sua posição (PAES; DELLAGNELO, 2015).

Lacan resgatou os textos originais de Freud que haviam sido abandonados pelos pós-freudianos que se concentravam apenas em comentários sobre esses textos: Por um lado, Lacan resgatou no texto de Freud algumas categorias que nunca haviam sido investigadas efetivamente. Por outro lado, Lacan

produziu novos conceitos que, embora sejam agora considerados implícitos no texto de Freud, se esclarecidos, ou seja, nominais, poderiam não apenas corrigir o campo teórico, mas também introduzir perspectivas novas para ele (MELLO, 2015).

Em Saussure, os signos são regidos por um princípio importante, a saber, a arbitrariedade. Aqui, é necessário enfatizar a importância da arbitrariedade dos signos na linguagem de Lacan. O autor observa que Lacan acatou o icônico princípio da arbitrariedade defendido por Saussure no início de suas reflexões sobre a linguagem e o inconsciente. No entanto, mais tarde ele irá introduzir o conceito de contingência em sua reflexão para substituí-lo. O que é interessante é que, ao introduzir o conceito de contingência, Lacan é mais Saussure do que o próprio Saussure, e a decisão de Saussure está implícita na noção de arbitrariedade (PAES, DELLAGNELO, 2015).

Santos e Scapin (2015) destacam que um sujeito se estrutura a partir da sua relação com o outro, mas não um outro qualquer, e sim O outro (com “o” maiúsculo, denominado grande outro) que lhe traz além do alimento também a palavra e o insere em um mundo de linguagem, segundo tal pressuposto, para a psicanálise, sobretudo a partir da reelaboração que Lacan empreendeu dos textos freudianos, o sujeito só pode ser concebido a partir do campo da linguagem. Mas que tem a ver linguagem e constituição do sujeito? Mello (2015) destaca que o sujeito se constitui na linguagem, não é uma construção, também não é concebido, e sim constituído.

A constituição de um sujeito como tal, ocorre através do processo de alienação e separação constante, um sujeito é composto pelas marcas de faltas, por marcas de que um dia se foi tudo para o outro, de que ocupou o lugar de objeto de satisfação para o outro, mas não ocupa mais, marcas de não sou tudo para o outro (SANTOS; SCAPIN, 2015).

Vários pontos de vista apóiam a singularidade da causa, mas pouco se fala sobre o que está no cerne desses aspectos únicos e especiais de cada serviço. A resposta a essa pergunta pode ser encontrada nos resultados iniciais de Lacan quando ele sugere um retorno a Freud. E nesse reencontro logo se deparou com a estreita relação entre o inconsciente freudiano e a linguagem, sua particularidade que aparece onde está a palavra, a fala, a linguagem. E Freud e Lacan não desistiram. Desde seus primeiros trabalhos, Freud desenvolveu a psicanálise ao vinculá-la indiretamente à linguagem (MELLO, 2015).

O conceito de valor dos signos linguísticos em Saussure refere-se ao conceito de identidade e assume que o significado (conceito) é completamente diferente, não definido ativamente por seu conteúdo, mas negado por sua relação com outros termos da cadeia. Portanto, o recurso mais preciso desse conceito é se tornar um recurso que outros recursos não possuem. Além disso, ao tratar da geração

de sentido no quadro da teoria do valor, Saussure destruiu o vazio filosófico da referência, fato que despertou o interesse de Lacan (a geração de sentido é totalmente independente da referência) (PAES, DELLAGNELO, 2015).

Portanto, o sujeito da psicanálise aparece em um mundo de linguagem que já se estabeleceu antes dele. Antes de uma criança ou adolescente ser concebido, fazem-se planos para ela, os pais imaginam como ela será, falam dela e, sobretudo, dão-lhe um nome. Esse novo ser entra na vida de seus pais como objeto de desejo (MELLO, 2015).

A primazia do significante em Lacan (1998) sustenta seu famoso aforismo: O sujeito representa um significante para outro significante. Aqui é interessante pontuar que se Saussure, com base na arbitrariedade do signo, busca escapar de uma correspondência psicológica e, com isso, exclui o sujeito de sua teoria, Lacan, ao contrário, recorre ao mesmo processo exatamente para inserir a questão do sujeito em sua reflexão (PAES, DELLAGNELO, 2015).

O desenvolvimento deveria passar por um processo próprio de subjetivação caracterizado pela castração e atos lógicos de alienação e separação: O registro do significante se estabelece pelo fato de um significante representar um objeto em outro significante. Esta é a estrutura, o sonho, a decadência e a piada de todas as formações do inconsciente. E isso também explica a divisão inicial da disciplina (MELLO, 2015).

Para tanto, Lacan (1998) estudou os conceitos que faltam na cadeia importante e, a partir do conceito de linguagem de Saussure como sistema de valores diferenciais, reexplicou o significado do conceito de sujeito fora da conotação ontológica. Entre o fim do tema da liberdade fundamental do humanismo filosófico ou o tema do estruturalismo. Desse modo, é importante destacar que, para Lacan, a produtividade dos indicadores foi validada em termos de erros, equívocos, hesitações verbais e significados múltiplos, porque eles podem passar. Portanto, se o que se encontra no subconsciente é a estrutura da linguagem, então a prioridade do referente ao significado revela o fato de que no subconsciente o significado é abolido. Assim sendo, um indicador só pode ser um indicador que representa o assunto de outro indicador (PAES, DELLAGNELO, 2015).

Na alienação, o sujeito está condenado a aparecer pela divisão: de um lado como sentido produzido pelo significante e de outro como desaparecimento, termo essencial para compreender a questão do psicossomático em Lacan, referindo-se ao apagamento, esmaecimento ou desaparecimento, pela conexão com as ações lógicas da composição do sujeito, aqui na edição (MELLO, 2015).

Para Lacan (1998), os indicadores são exibidos em ordem diacrônica na duração. Essa estrutura em cadeia do indicador envolve uma dimensão de tempo que remonta à expectativa significativa até o significado, gerando assim a indicação. O significado é função do pronome, que aparece retrospectivamente no final da cadeia de pronomes, ou seja, na linguagem laconiana, neste momento, os pontos decorativos são articulados, assim, o pronome impede o deslizamento indefinido do referente (PAES, DELLAGNELO, 2015).

O sujeito em sua condição humana se vê como um sujeito que recebeu a definição de movimento na constituição e na ordem em um campo que está fora dele, onde reside a essência de sua alienação. Portanto, o sujeito se vê na situação de ser fruto do significante que lhe chega separado, do desejo do outro, ou seja, sintetizar o outro, é essencial para o sujeito. Através do significante o sujeito encontra a alienação, que o coloca na posição de submissão ao desejo do outro. Não se trata de reduzir a alienação à dependência do outro, pois para Lacan não é o fato de esse empreendimento começar no campo do outro que o caracteriza como alienação (MELLO, 2015). Lacan sugeriu que o analista tomasse o paciente literalmente e abandonasse toda hermenêutica. Isso porque a autenticidade do discurso é vista na cadeia de indicadores, que é uma rede inconsciente (PAES, DELLAGNELO, 2015).

Que o outro para o sujeito seja o lugar de sua causa significante, aqui apenas explica por que nenhum sujeito pode ser sua própria causa. Nesse ponto surge uma pergunta: o sujeito está condenado à prisão na teia significante do Outro? Nesse seminário, Lacan postula uma solução dialética por meio de outra operação lógica, a operação de separação: o sujeito que consente na alienação ativa estratégias para se separar do outro a partir do que encontra nele como erro relacionado à sexualidade e preconceitos prementes (MELO, 2015).

Lacan expressa o sujeito do subconsciente como um lugar, uma função, que, quando revelada, expressará desejos desconhecidos. O tema do inconsciente é o resultado da função e da ocorrência do discurso social e histórico sobre o organismo. Essas palavras são apoiadas por "outros" e organizadas por citação, conforme necessário. Para Lacan (1998), o referente tem autonomia perante o sentido, e só tem sentido quando expresso com outros referentes, e só pode funcionar porque existe no sujeito. O tema laconiano é o papel do referente, o que significa que o tema não é criado pelo seu discurso, mas causado por ele, e só pode ser expresso, porque ele encontrou na linguagem a base para criá-lo e deixá-lo aparecer (PAES, DELLAGNELO, 2015).

2.2 A PSICANÁLISE EM LACAIANA

A relação entre sujeito e objeto apresenta-se por meio da fantasia, e o conceito de fantasia é o herdeiro na psicanálise da noção de conhecimento e uma passagem de uma etapa de imaturidade passiva para uma coparticipação desperta na recriação da realidade. Uma grande descoberta da psicanálise é que a realidade é fantasia, ainda que compartilhada, e por isso todos os construtos de "realidade objetiva", tanto aquele de que parte o observador etnográfico como aqueles que ratifica mediante a redação de etnografias, precisam serem revistos na qualidade de dizeres (BAIRRÃO, 2015).

Em sua proposta de "retorno à Freud", Lacan partiu exatamente dos casos de psicose na construção de sua clínica, apontando a necessidade que havia em retificar algumas limitações impostas durante anos ao tratamento desses pacientes não só pela psicanálise, mas também e principalmente pela psiquiatria. Foi assertivo ao dizer que não se deveria recuar diante do tratamento da psicose e que seria preciso reelaborar o saber da psicanálise, em seus conceitos e práticas, a fim de expandir o alcance de sua clínica. O seu ponto de partida foi sedimentar, no enalço de Freud, a falta de continuidade entre a neurose e a psicose a partir da noção de estruturas clínicas. Essas seriam três: a neurose, a psicose e a perversão (NEVES; SANTOS, 2017).

A psicanálise lacaniana nasce de uma renúncia ao intento de constituição de uma ciência da personalidade, que se espraia numa negação não apenas da possibilidade de constituição da psicologia como ciência positiva, mas também de todo e qualquer conhecimento e, em decorrência, da licitude dos seus construtos teóricos. Mas inegavelmente a disciplina de pendor mais propriamente ético do que psicológico que emerge desse trajeto, à sua maneira, retoma, ainda que cautelosamente, uma noção de saber e talvez até de conhecimento, embora nunca mais nos termos assertivos e ingênuos anteriores à descoberta freudiana (BAIRRÃO, 2015).

Enquanto para a prioridade médica é a descrição sintomática de uma doença que define um diagnóstico que prioriza a doença, para a psicanálise cabe observar os sintomas na história de uma pessoa. Antes da psicanálise, entendia-se que a doença era causada por fatores externos. Claro que houve muitas iniciativas para tentar entender a relação mente-corpo. O próprio aparecimento do termo psicossomática em 1828 por Johann Heinroth atesta isso. Levanta a hipótese de que a paixão sexual é importante na manifestação de doenças como tuberculose, epilepsia e câncer, e enfatiza a importância dos aspectos físicos e psicológicos embutidos nos processos de doença (MELLO, 2015).

Se houver, a peculiaridade da entrada da psicanálise na pesquisa social será o sujeito, outra coisa, com outro estatuto, mais do que uma hipotética e etnocêntrica concepção de personalidade. Tendo isso em vista, vai-se abordar preliminar e exploratoriamente se e em que medida uma redescoberta lacaniana da psicanálise admitiria uma contribuição para a pesquisa etnográfica e, nesse caso, qual seria a originalidade e especificidade da sua contribuição para o debate do estatuto dos seus enunciados, tendo em vista a efetividade do inconsciente e a peculiaridade da alteridade em psicanálise (BAIRRÃO, 2015).

Dentro delas se desencadeariam as relações do sujeito com o seu meio social, de modo a tornar possível a constituição de uma história singular; livre, mas forçada pelo modelo de relação estabelecido pelo sujeito com o outro no momento da sua entrada no campo da linguagem. Foi partindo dessa concepção que Lacan definiu uma questão preliminar ao tratamento desses casos (NEVES; SANTOS, 2017).

Como as ciências naturais, a medicina utiliza a dimensão biológica do corpo, cabendo às ciências humanas em geral tratar das características humanas simbólicas e subjetivas. No entanto, sabe-se hoje que os aspectos sociais parecem desempenhar um papel fundamental na complexidade desses processos, pois criam representações culturais do significado da doença (MELLO, 2015).

Do ponto de vista estritamente metodológico, o método psicanalítico permite sublinhar que a agência é uma posição na estrutura da enunciação que admite o desconhecido como performador, para além do psiquismo e comportamento do observado e do ego do pesquisador. Não é por acaso que a terminologia lacaniana considera coisas irreduzíveis a conceitos. A razão é dar abrigo ao não conceitualizável, pelo entendimento de que a lacuna e o desconhecido devem ser incluídos no procedimento psicanalítico (BAIRRÃO, 2015).

Em sua tese, defendida no ano de 1932, Lacan revela o diferencial de sua abordagem em relação ao espírito científico da época, ao retomar a questão esvaziada, rejeitada pelo núcleo comum da área psiquiátrica, dos sentidos elaborados pelo sujeito que sofre no desenrolar de sua condição. Indo de encontro a uma concepção geral do inatismo, que caracterizava as conclusões vigentes da psiquiatria, ele vai situar o indivíduo como uma atividade dentro de uma estrutura social, responsável por constituir o meio relacional de sua existência e por disponibilizar o terreno de significações que darão sentido a sua história. Para isso, ele lançará mão de um conceito já explorado dentro da psiquiatria e bastante utilizado no senso comum: a personalidade (NEVES; SANTOS, 2017).

Segundo Lacan, que o retoma de Freud, um mundo além da constituição psíquica é real, mas não haveria uma via de acesso cognitivo a essa realidade. O pensamento não reproduz a não ser uma atividade que repete vias de satisfação. Lacan alarga o impasse extraíndo desse insucesso um abandono radical de considerações epistêmicas, em prol de uma psicanálise atida ao fazer e não mais ao saber, que redundaria numa espécie de ética (BAIRRÃO, 2015).

Freud deu um passo importante ao encontrar a dimensão das palavras em termos de seu valor, não apenas como representantes ideacionais e conceituais da realidade, mas em termos de seu poder criativo e psique potencialmente transformadora. Nos textos freudianos a que Lacan se referiu, o conflito entre psicanálise e linguagem tornou-se ainda mais claro. Ao traçar os cruzamentos entre a linguística de Saussure, especialmente a ideia do significante e do significado, a psicanálise freudiana e a antropologia estrutural de Lèvy-Strauss, Lacan realiza uma tarefa importante, que é devolver a psicanálise à posição central do inconsciente perdido. com ênfase exagerada nos aspectos conscientes (MELLO, 2015).

Cada campo, outro e sujeito, constrói um sentido para a pesquisa e um lugar para o pesquisador. É imprescindível ter em mente e deixar clara a diferença entre a tradução do fenômeno em significados e o uso operacional da psicanálise frente ao significante, que permite lidar com universos simbólicos incluídos do pesquisador, materializados na forma de sutis fantasias comunitárias. Fantasias não na acepção comum de ilusão, mas sim com o sentido técnico psicanalítico de implicação do sujeito na realidade ; isto é, fantasias como facetas da verdade "subjetiva" (BAIRRÃO, 2015).

Apontando a relação da psicose com a linguagem, Lacan abriu as portas para um novo tipo de abordagem para esses casos. Seu esforço foi fazer da psicose uma questão de sujeito, e sua atitude acabou criando uma nova teoria dentro da Psicanálise: o papel do analista foi revisto e os caminhos do tratamento foram retraçados. O destaque inicial lacaniano foi sobre a escuta, que precisava ser desenvolvida junto a esses sujeitos. Antes de tudo, ele se dispôs a ouvir esses sujeitos, a acompanhá-los em suas produções, o que o levou a nomear a função do analista como a de 'secretário do alienado'. Este serviria de testemunha do advento do sujeito ali na sua própria produção delirante, dispensando os movimentos interpretativos e o seu posto de suposto saber. Para a psicose, não há nenhum enigma, nenhum X sobre esse lugar do gozo, do qual se supõe o saber (NEVES; SANTOS, 2017).

O método psicanalítico inclui o inconsciente e, portanto, o desconhecido. Sempre parece haver algo antes do dito, como foi dito anteriormente, mas o sujeito passa a ser apenas depois de ter acontecido.

Esta ordem do sujeito inexistente vir antes e depois do trânsito pelo outro se tornar existente não pode ser tratada como uma proposição a respeito de fatos empíricos (BAIRRÃO, 2015).

Lévi-Strauss teve grande influência em Lacan. O deslocamento que os antropólogos conseguiram realizar em suas disciplinas, da biologia para as ênfases culturais, tem privilegiado o modelo de linguagem, à semelhança do que Lacan alcançou na psicanálise no processo de busca da desbiologização do discurso de Freud. Desse modo, o livro de Levi Strauss "The Basic Structure of Kinship" tornou-se o leme de Lacan. Lacan destacou em seu discurso em Roma que a lei do incesto é uma lei que regula a aliança entre as pessoas e faz com que o reino cultural e o mundo natural se sobreponham, apenas a ordem da linguagem (PAES; DELLAGNELO, 2015).

Ora, no que se vê, ou não se vê "há um componente não eliminável, que é o olhar de quem vê". De um ponto de vista psicanalítico, a melhor garantia de eliminação do cunho arbitrário e alheio da impessoalidade do observador, alienado de si, acontece na forma de voz. É, pois, imprescindível o reconhecimento de matrizes discursivas e enunciados na ausência física dos seus suportes biográficos, ou seja, para além da fala dos colaboradores empíricos (BAIRRÃO, 2015). Lidar com o sofrimento humano na vida cotidiana permitiu a Freud desenvolver uma teoria concreta das dificuldades da vida humana, posição confirmada por Lacan. O contato clínico diário com os pacientes, e não estudos remotos em laboratório, faz da psicanálise muito mais do que uma construção teórica coerente (MELLO, 2015).

Lacan deteve-se sobre esses temas e suas ligações afetivas, assim como sobre os exames e antecedentes físicos da paciente, seu comportamento no asilo e suas produções literárias dentro dele. Descartou vários diagnósticos e chegou na paranoia, através da identificação de um delírio de interpretação. Ele escolheu o termo paranoia de autopunição para se referir ao quadro clínico de gênese social que identificou através da história de Aimee: O diagnóstico se assentou na estrutura da personalidade anterior do sujeito e situou sua causalidade na acumulação de fatores orgânicos, afetivos e vitais (NEVES; SANTOS, 2017).

O método psicanalítico também possibilita a crítica à redução da alteridade ao humano e a indivíduos empíricos (ela é a totalidade do simbólico), o que permite ressituar a agência independentemente do humano e amplia a escuta do sujeito a esferas antes desconsideradas. Em contrapartida, habitualmente a técnica de observação participante privilegia principalmente o visual e o verbal. O olhar do pesquisador e as conversas orientam aquilo que, de sua participação, será observado. Deste

modo, do ponto de vista psicanalítico, achata-se o outro a indivíduos empíricos e na prática a alteridade resume-se a intersubjetividade (BAIRRÃO, 2015).

Mas como ocorre essa suposta unificação entre corpo e mente, é Freud quem explica o conceito de pulsão como a fronteira entre o físico e o mental. Mais de cem anos após o surgimento da psicanálise, existe hoje um campo de conhecimento conhecido como psicossomática psicanalítica, compartilhado por diversos autores e posicionamentos, onde há consenso em se examinar determinados motivos de adoecimento que estão ligados a conflitos inconscientes (MELLO, 2015).

Para examinar este ponto considerar-se-á, com total desprendimento da diacronia, alguns dos esquemas e grafos lacanianos, sendo estes um recurso habitual do autor para sistematizar, condensar e de certo modo ultrapassar a relativa inefabilidade do que está em pauta, em virtude da peculiaridade do método psicanalítico, que inclui na sua fórmula o inconsciente e correlatamente um "cálculo" do desconhecido (BAIRRÃO, 2015).

Dentro do que vinha sendo produzido pelos psicanalistas pós-freudianos, Lacan, com a passar do tempo, reconheceu vários equívocos, que o fizeram se posicionar criticamente diante de inúmeros trabalhos. Isolado, construiu uma nova forma de leitura das obras de Freud, com o auxílio da Linguística e da Antropologia para a formulação de suas proposições. Acusava os pós-freudianos de negligenciarem pontos importantes da obra do criador da psicanálise, submetendo-se a um ideal de bem-estar e integração egoica incompatíveis com a proposta freudiana. Um dos pontos que sinalizou como pouco compreendido por esses estudiosos foi o próprio Complexo de Édipo, apesar de sua expandida exploração e banalização. Foi nele onde Lacan situou a trama crucial para a definição da localização estrutural dos sujeitos. Por isso, estudou-o detidamente, pois avaliava que "abandonar o Complexo de Édipo seria fazer da Psicanálise um delírio" (NEVES; SANTOS, 2017).

Isto implica certa concepção de linguagem e de comunicação e seria um tanto grosseiro levá-lo em conta como tese e desconsiderá-lo no presente procedimento investigativo. É imprescindível ter em mente que a terminologia lacaniana considera certos operadores irreduzíveis a conceitos. Daí o nomadismo, os vários termos, a ausência de definições definitivas. A cada construto teórico pesam mais os intervalos, o que escapa de ser dito, o que talvez justifique e motive a ocorrência de repetições infundáveis. A razão é dar abrigo ao negativo, ao não conceptualizável, pela meritória compreensão de que a lacuna e o desconhecido deveriam ser incluídos no procedimento psicanalítico. A respeito desses "não conceitos" (BAIRRÃO, 2015).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a psicanálise lacaniana seja um tema frequente em tópicos que envolvem os campos da psiquiatria e da psicologia (incluindo muitos não profissionais), poucas pessoas estabeleceram a verdadeira base que norteia seus conceitos. Lacan e Freud são obviamente dois gênios, mas apresentam grandes diferenças. Para Freud, as descobertas psicanalíticas relacionadas à psicologia humana incluem subconsciente, sexualidade, sonhos e vida interior. Por outro lado, Lacan reinventou a base da teoria de Freud principalmente por meio da interação entre filosofia e psicanálise.

Conforme destacado no decorrer do capítulo, apesar de dar uma nova roupagem e outros conceitos à proposta de Freud, Lacan não se distanciou de seu mestre, pois ele mesmo propôs "voltar a Freud", mas não o considerou. Normalmente, as clínicas de Lacan tendem a romper com a cortina rígida da era de Freud. Além das diferenças teóricas com os pares, a proposta de Lacanismo de retorno a Freud também se caracteriza por uma atitude que nada tem a ver com a permanência na ortodoxia de Freud, mas com a determinação e aplicação do trabalho.

Ficou evidente que na psicanálise lacaniana, o sujeito é considerado o produto do discurso da outra parte, e esse discurso envolve o aluno antes mesmo do nascimento da criança e molda seus desejos e fantasias. As palavras dos pais expressam o grau de querer um filho, portanto, o sujeito é causado pelo desejo da outra parte, ou seja, o sujeito é diferente do desejo da outra parte. O conceito de alienação pode ser dividido em dois outros conceitos: existência (sujeito) e desejo (outro). Ao reconhecer que o sentido existe apenas por meio de coisas que são cortadas, estamos falando sobre o homem cindido em relação a si mesmo: esta é a definição do inconsciente do sujeito.

REFERÊNCIAS

- BAIRRÃO, J. F. M. H. Etnografar com Psicanálise: Psicologias de um ponto de vista empírico. *Cultures-Kairós: revue d'Anthropologie des pratiques corporelles et des Arts Vivants*, v. 5, p. 11-97, 2015.
- BORDALO, A. A. Estudo transversal e/ou longitudinal. *Revista Paraense de Medicina*, v. 20, n. 4, p. 5, 2006.
- FREITAS, W. R. S.; JABBOUR, C. J. C. Utilizando estudo de caso (s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. *Revista Estudo & Debate*, v. 18, n. 2, 2011.
- LIMA, V. M. O gênero binário como semblante de relação sexual: entre psicanálise lacaniana e teoria queer. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, v. 6, n. 1, p. 20-35, 2018.
- MASCARENHAS, S. A. Metodologia Científica. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 125 p, v. 2, 2014.
- MELLO, D. R. B. NOS Limites da Linguagem: Uma Leitura das Doenças Psicossomáticas à Luz da Psicanálise Lacaniana. *InterSciencePlace*, v. 1, n. 8, 2015.
- MEXKO, S.; GALHARDI, C. M. Autismo infantil: revisão de literatura a partir da psicanálise lacaniana. *Psicologia Argumento*, v. 32, n. 77, 2017.
- NEVES, T. I.; SANTOS, A. S. A direção da cura na clínica lacaniana das psicoses. *Contextos Clínicos*, v. 10, n. 2, p. 257-267, 2017.
- PAES, K. D.; DELLAGNELO, E. H. L. O sujeito na epistemologia lacaniana e sua implicação para os estudos organizacionais. *Cadernos EBAPE. BR*, v. 13, n. 3, p. 530-546, 2015.
- PEREZ, D. O. A identificação, o sujeito e a realidade. Uma abordagem entre a filosofia kantiana e a psicanálise freudiano-lacaniana. *Sofia*, v. 5, n. 1, 2016.
- SANTOS, M. D.; SCAPIN, A. L. Associação Entre Perversão e Pedofilia Segundo a Psicanálise Freud-lacaniana. *Revista Uningá Review*, v. 23, n. 3, 2015.

CAPÍTULO 3: A INSERÇÃO DE JOGOS E BRINCADEIRAS PARA LEVAR A PRÁXIS DO ENSINO DE ARTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Resumo: A criatividade deve estar presente em toda a escola, em especial na disciplina de Artes, oportunizando diversas formas dela, como no desenvolvimento de brincadeiras, que são uma experiência gratificante para os alunos e nas brincadeiras que são realizadas. Sob esse ponto de vista, foram levantadas questões sobre a importância dos brinquedos e brincadeiras na unidade escolar para o desenvolvimento dos alunos nas aulas de artes, pois o lúdico está ligado ao desenvolvimento dos alunos, o que possibilita a vivência de diversos aspectos educativos. Diante disso, o presente capítulo questiona: Qual a importância da introdução de brinquedos e brincadeiras na educação básica e como isso ocorre? Nessa perspectiva, o presente capítulo tem como objetivo analisar a importância da inclusão de jogos e atividades no ensino de Artes. Portanto, é preciso entender o conceito e o panorama histórico de brinquedos e brincadeiras, elencar as contribuições da introdução de brinquedos e brincadeiras para o desenvolvimento estudantil e relacionar a diversão com o desenvolvimento estudantil, e compreender sua importância nesse contexto. A busca foi baseada na seleção na literatura a partir da busca realizada em banco de dados de livros, periódicos, artigos, monografias e outros documentos bibliográficos localizados em bases de dados online como Google Acadêmico, Scielo e livros físicos. As tendências metodológicas foram baseadas em: pesquisa bibliográfica realizada por meio de leituras em periódicos, livros e artigos com contribuições de autores como Silva (2015), Santos (2014), Oliveira (2010), Lima (2013) entre outros. Foi possível perceber as características do professor de Artes e o seu papel interventivo e facilitador, e a capacidade de utilizar o brincar como meio de ensino e aprendizagem de Artes, à medida que se observava o aluno e a sua relação com o brincar, onde o brincar é de extrema importância, pois é uma atividade divertida para o aluno e que proporciona uma forma de aprendizagem, não apenas uma atividade lúdica, mas compreendida com base no conhecimento empírico.

Palavras-chave: Ensino Aprendizagem de Artes. Educação básica. Lúdico.

1 INTRODUÇÃO

Foi no século XX, através de um processo institucional, que o aluno adentrou o espaço lúdico, pois este espaço que converge em um conjunto de jogos, brinquedos e brincadeiras e oferece aos usuários um ambiente agradável, alegre, de cores variadas, onde o maior significado é a diversão que os jogos proporcionam nesses ambientes que foram desenvolvidos com a finalidade de criar estímulos para a criatividade, desenvolvimento da imaginação, comunicação e expressão, além de estimular a brincadeira, a dramatização, a construção, a resolução de problemas e o processo de socialização (SANTOS, 2013).

Lima (2013) entende que as experiências vividas na infância e adolescência são essenciais para o desenvolvimento humano, onde o que se aprende nesta fase pode levar a experiências que perdurarão por toda a vida, neste sentido, a educação básica é o momento que proporciona oportunidades de interação entre o aluno e o mundo, assim como todos ao seu redor e dela mesma.

Essas vivências proporcionam um desenvolvimento pleno, mesmo sendo uma atividade prazerosa para a criança, ela se constrói por meio da brincadeira, aproximando o personagem da realidade.

Segundo Correa e Bento (2012), a criatividade deve estar presente em toda a escola e oportunizar as suas diversas formas, por exemplo no desenvolvimento de jogos, que caracterizam uma experiência gratificante para as crianças e adolescentes e nas brincadeiras praticadas. Uma criança ou adolescente criativo é caracterizada por um melhor raciocínio e cria formas de resolver suas próprias dificuldades sem medo, mas é preciso criar estímulos, deixar as coisas serem livres e estimular o aluno a desenvolver e usar sua capacidade de criatividade e inovação desde cedo, isso pode auxiliá-la na vida adulta, que são, sem dúvida, competências importantes a serem trabalhadas e desenvolvidas ao longo da vida.

Nesse sentido, tem-se questionado sobre a importância dos jogos na unidade escolar para a educação dos alunos, uma vez que a brincadeira está ligada ao desenvolvimento, o que possibilita vivenciar diversos aspectos educativos. O interesse por este tema surge de uma reflexão e observação sobre a educação básica, em especial no ensino de artes, e os fatores motivacionais mais importantes que irão nortear o processo educativo, nesta perspectiva o brincar foi associado por ser uma atividade prazerosa para os alunos, e por isso os jogos e brincadeiras pode permear o projeto escolar dentro e fora da sala de aula, para oferecer aos alunos momentos educativos, possibilitando a alegria de contribuir com o desenvolvimento e o processo ensino-aprendizagem de Artes.

Morais e Araújo (2015) entendem que a escola, ao associar o valor ao lúdico, adapta os jogos e brincadeiras ao contexto do projeto educacional, permitindo assim ao professor fazer o aluno pensar um conceito de mundo e também de sociedade, pois o uso do entretenimento possibilita trabalhar a emotividade, a socialização, a criatividade e estimula o respeito aos direitos e deveres de cada pessoa.

Sob esse ponto de vista, as brincadeiras e os jogos aparecem como aliados para o desenvolvimento integral dos alunos, inclusive no contexto educacional, uma vez que a brincadeira faz parte do cotidiano do ensino de artes e este se beneficia com essa atividade.

Portanto, as questões atuais são: qual a importância da introdução de jogos e brincadeiras na educação básica no ensino de Artes e como isso acontece? Para responder, este estudo refletirá sobre o conceito e as características históricas dos jogos e brincadeiras na educação básica e suas principais características, para que finalmente seja possível compreender a importância do brincar para o processo de ensino de Artes.

Este estudo é de extrema importância pois busca medidas de intervenção para que o processo educativo seja prazeroso e contínuo a partir do estímulo ao brincar e do jogar. Com este entendimento, o capítulo justifica-se, pois permitirá compreender a importância dos jogos e brincadeiras em contexto educativo para os estudantes de Artes e promoverá informação que posteriormente poderá ser utilizada em contexto escolar.

Nesta perspectiva, este estudo tem como objetivo analisar a importância da integração de jogos e brincadeira no ensino de Artes na educação básica. Portanto, é necessário compreender o conceito e panorama histórico de brinquedos e brincadeiras, elencar a contribuição da introdução de brinquedos, jogos e brincadeiras para o desenvolvimento dos alunos e relacionar essas atividades com as aulas de Artes na educação básica.

O presente capítulo trata-se de um estudo longitudinal de caráter descritivo de abordagem qualitativo. Os direcionamentos metodológicos pautaram-se em levantamentos bibliográficos realizados por meio de leituras em periódicos, livros, revistas e artigos, com a contribuição de autores como Silva (2015), Santos (2014), Santos (2013), Oliveira (2010), Lima (2013) entre outros que refletem essa temática em seus respectivos estudos.

De acordo com Lima e Mioto (2007) é comum que a pesquisa bibliográfica apareça descrita como revisão de literatura ou revisão bibliográfica, isso ocorre, pois falta compreensão de que a revisão de literatura faz parte de um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, à medida que

a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório.

2 DESENVOLVIMENTO

A caracterização de brinquedos e brincadeiras não é uma tarefa fácil, pois para isso é necessário estabelecer os contextos de sua origem bem como em quais aspectos convergem ou divergem, sendo necessária uma ampla pesquisa histórica literária voltada para esses dados.

Segundo Lima (2013), que tem uma definição diretamente relacionada à brincadeira, diversão e encanto, essas atividades podem ser entendidas como qualquer função ou atividade que visa produzir prazer e entretenimento e acaba transformando o ambiente em que estão inseridos. Corrêa e Bento (2012) caracterizam a atividade lúdica como qualquer ação realizada que dê prazer, que está fortemente associada à criatividade, que é o ato de inovar, criar e recriar, para encontrar outro ou melhor caminho para que seja mais rápido, fazer alguma coisa, e que são desenvolvidas pelos alunos enquanto brincam, mas são habilidades que requerem estímulo e devem ser trabalhadas.

Esses estímulos podem promover uma série de benefícios para os estudantes, desde seu desenvolvimento nos aspectos neuropsicomotores até os aspectos sociais e educacionais. Segundo Morais e Araújo (2015), hoje em pleno século XXI já é possível perceber que existem algumas tendências onde o professor recorre a jogos e brincadeiras que exigem mais raciocínio lógico dos alunos, e essas atividades proporcionam o desenvolvimento sensorial e motor, além de estimular o raciocínio lógico dos alunos.

Assim, é possível perceber que os jogos foram introduzidos pelos professores e que os benefícios que eles proporcionam foram estudados, visando o desenvolvimento físico e mental. Hutim (2010) aponta que a brincadeira é o suporte de um jogo, é o objeto concreto que existe de forma real ou ideológica, o jogo é novamente a descrição de um comportamento estruturado com regras implícitas ou explícitas.

Segundo Arantes e Barbosa (2017), a atividade lúdica refere-se a uma dimensão humana que desperta os sentimentos de liberdade e naturalidade nas ações que são desenvolvidas, realizam atividades tranquilas e espontâneas, onde os envolvidos interagem e estão em aprendizado contínuo.

Os jogos, brinquedos e brincadeiras na educação básica são importantes para o desenvolvimento do aluno de Artes, pois são atividades básicas, que proporcionam muitos benefícios para o seu desenvolvimento, com a brincadeira o aluno desenvolve sua identidade e autonomia. Para Corrêa e

Bento (2012), o desejo de brincar manifesta-se na infância, a brincadeira, o brinquedo e os jogos apresentam o mundo para a realidade estudantil, promovendo desenvolvimento de potencialidades e inúmeras habilidades.

Segundo Teixeira e Volpini (2014), o aluno se prepara para o futuro, vivencia o mundo que a cerca, nutre sua vida, descobre sua vocação e se descobre por meio da brincadeira. No entanto, nem sempre têm a oportunidade de o fazer, pois existem fatores que podem impedi-los de ter o direito de jogar. Essa perspectiva mostra que o aluno está em constante desenvolvimento, algo que ela descobre e redescobre a todo momento, constrói seu ser sob vários aspectos e que é preciso favorecer esse desenvolvimento para garantir o desenvolvimento pleno.

Segundo o ponto de vista de Guimarães e Silva (2014), o lúdico é uma expressão mais genuína da existência, é o momento em que cada indivíduo realiza a relação afetiva com o mundo exterior, com pessoas e objetos, os brinquedos e as brincadeiras permitem a relação da criança com sua realidade e o que ela pode tirar dela para criar um contexto imaginário.

Corrêa e Bento (2012) entendem que quando o indivíduo nasce, ela ainda não sabe brincar e que deve aprender, tanto no relacionamento com os adultos quanto com as outras crianças, pelo contato com objetos e brinquedos, diferentes formas de brincar. Com isso o aluno desenvolve sua imaginação, compreende o mundo ao seu redor, amplia sua capacidade perceptiva, aprende a organizar seus sentimentos e pensamentos, essa liberdade proporcionada pelo jogo é de grande importância para o desenvolvimento discente, essa autonomia permite que ela unem mundos reais e imaginários, pois ao imaginar o aluno é capaz de regular suas ações e emoções.

A brincadeira é uma atividade natural, espontânea e necessária, por isso é necessário que os alunos tenham certa independência para escolher seus parceiros, os papéis que vão desempenhar durante a brincadeira, o tema, tudo de acordo com a vontade do brincante (TEIXEIRA; VOLPINI, 2014). Segundo Lima (2013), é possível compreender a importância do brincar no desenvolvimento das crianças de zero a seis anos de idade, pois além do surgimento da identidade, a autoestima, a autopercepção e o aprendizado relacionado às interações com o meio. É também nessa época que ocorre a maior parte do desenvolvimento cognitivo, resultando em mais crescimento e desenvolvimento do cérebro.

Observa-se, portanto, que o brincar é fundamental para o desenvolvimento da na infância, e essa ação em hipótese alguma deve ser restringida, pelo contrário deve ser incentivada a todo momento para que o aluno encontre oportunidades para seu pleno desenvolvimento.

2.1 REFLEXOS HISTÓRICOS GERAIS DOS JOGOS E DAS BRINCADEIRAS

Corrêa e Bento (2012) afirmam que São Tomás de Aquino no século XIII se destacou como grande defensor da importância das atividades lúdicas e defendia o brincar como uma necessidade extrema para o desenvolvimento humano. Segundo Freitas (2015), nesse período a identidade da criança era declarada pela ausência do sentimento da infância, o que não significa que não houvesse afeto por ela ou que fosse desprezada, mas que havia certo desconhecimento das características da infância, não se indicava uma diferença significativa entre crianças e adultos.

Tomás de Aquino ligava essas atividades ao próprio fundamento da realidade e ao ato criativo, para ele o brincar era uma experiência humana essencial, rica e ao mesmo tempo complexa. Santos (2014) afirma que, mesmo antes do século XVI, as crianças eram consideradas miniadultos, eram vistas como tal, a forma como deveriam se comportar e até mesmo trabalhar, brincar e estudar eram deixados de lado, praticavam pouco ou mesmo praticavam não praticar.

Para Lima (2013), a brincadeira, do ponto de vista sócio-histórico e cultural, é uma atividade cuja base é compartilhada com a arte, é uma atividade social, humana, que pressupõe contextos socioculturais a partir dos quais o aluno recria a realidade com a ajuda dele. Os sistemas simbólicos são uma atividade específica da infância, pois historicamente ocupam um lugar diferenciado na sociedade.

Segundo Lima (2013), a partir do século XVII a infância foi considerada uma fase insignificante, os adultos não se apegavam às crianças por considerá-las uma perda potencial, pois não atingiam a velhice, morriam facilmente devido à despreocupação da condição. onde moravam na época.

Assim, podemos observar que o brincar era comum à arte e às atividades sociais imbuídas de contextos socioculturais baseados em sistemas simbólicos próprios da infância, que, no entanto, nesse período era considerada uma fase insignificante. Porém, a partir do século XVII, com os estudos da psicologia e do desenvolvimento do aluno, o brincar passou a ser valorizado, o aluno passou a ser visto em sua plenitude, e ao longo do tempo diversos estudos foram produzidos com o objetivo de analisar o significado do brincar no desenvolvimento cognitivo, físico, emocional, entre outros (SANTOS, 2014).

Assim, Lima (2013) esclarece sobre a descoberta da infância, tal desenvolvimento pode ser relacionado por meio de pesquisas, pinturas, esculturas, objetos e brincadeiras da época e essa infância, que antes se limitava a uma grande incógnita entre a vida e a morte, como resultado do progresso científico e das mudanças econômicas, experimentou um declínio na mortalidade. Percebe-se, assim, que havia em parte certo distanciamento da criança, pois a infância e adolescência se

resumia a uma grande incógnita para a qual a sobrevivência tinha poucas chances, mas que, graças ao progresso científico e às mudanças econômicas, experimentou uma mudança nessa situação.

Segundo Santos (2014), foi a partir do século XVII, a partir da elaboração da teoria fisiológica da especificidade estudantil e posteriormente da criação de uma psicologia voltada para o aluno e seu desenvolvimento, que se passou a valorizar o brincar e considerá-lo de extrema importância.

Os estudos sociais da infância e adolescência pautaram a forma de ver e relacionar-se com a criança, onde até a adolescência foi confundida com a infância e adolescência e associada à ideia de dependência, e que a plena independência só é alcançada quando se abre mão da dependência dos pais e que meninos e as meninas usavam as mesmas roupas. Esse costume persistiu até o final do século XVIII nos países europeus e no Brasil persistiu até a década de 1930 (LIMA, 2013).

A esse respeito, pode-se notar que a teoria fisiológica da especificidade da criança e a psicologia dedicada às crianças e seu desenvolvimento desempenharam um papel importante na distinção entre crianças e adultos jovens e no aumento da brincadeira como eficaz no desenvolvimento estudantil.

Para Santos (2014), foi apenas no século XIX que essa visão começou a ser modificada e que isso aconteceu graças aos estudos iniciais da psicologia do desenvolvimento estudantil e à percepção que as crianças começam a ter na sociedade. Com o passar do tempo, autores como Piaget, Vygotsky e Wallon apresentaram suas teorias sobre o desenvolvimento estudantil e a importância do brincar e dos jogos para ele, com o qual o brincar passou a ser entendido como parte essencial do emocional estudantil, desenvolvimento cognitivo, social e físico.

Assim, é possível observar que a percepção da criança passa por diversas etapas dentro da perspectiva sócio-histórica, e vai desde a fase adulta até o estado pleno de considerar as peculiaridades como exclusivas da criança.

Lima (2013) afirma que o sentimento que caracteriza a infância e adolescência nasceu no Brasil no século XIX, com a necessidade do ensino e do desenvolvimento das escolas para atender o progresso social da época, no início a creche era caracterizada pela prosperidade e sustento. Para as crianças carentes, com o objetivo de reduzir a mortalidade estudantil, surgiram também as creches privadas, mas que não atendiam crianças das camadas mais pobres, apenas da elite, e a partir da década de 1970, uma educação voltada para as camadas menos favorecidas, onde a educação pré-escolar passou a fazer parte do ensino básico nacional e por isso ocupa os órgãos que legislam sobre a educação, que

por sua vez têm atribuído ao Estado o dever de proporcionar às crianças garantia de educação e cuidados em jardins de infância e pré-escolas.

O adulto tem um papel importante na brincadeira da criança, a forma de relacionamento que ele criou vai levar diretamente ao desenvolvimento global da criança, e sua atitude pode ajudar ou atrapalhar o processo de aprendizagem da criança.

Segundo Moraes e Araújo (2015), o desenvolvimento do conceito de lúdico no aspecto educacional não se limitou apenas à sua origem, mas revelou-se como algo fundamental para auxiliar o desenvolvimento e o comportamento humano. Nesse sentido, a definição deixa de ser apenas uma brincadeira ou uma brincadeira, pois os efeitos do uso do jogo extrapolam o âmbito de uma mera brincadeira instintiva.

O desenvolvimento de leigos em contexto escolar exige do professor uma base teórica bem estruturada, manejo e atenção para a compreensão da subjetividade de cada criança individualmente, bem como a compreensão de que o repertório de atividades deve se adequar às situações.

Para Lima (2013), do ponto de vista histórico, a análise do jogo se dá a partir da imagem do aluno presente no cotidiano por um determinado período, a posição que o aluno ocupa em um contexto social e específico, a educação. a que está subordinado o conjunto de relações sociais que mantém com as personagens do seu mundo, estes aspectos permitem uma melhor compreensão do cotidiano da criança, e neste cotidiano é formada a sua autoimagem e a imagem do seu brincar.

Por muito tempo a escola foi considerada pelos alunos como algo enfadonho, cansativo, imposto, sem sentido e chato, e quando os professores usavam brinquedos, jogos e brincadeira, eram criticados pelos pais ou mesmo pelos colegas de profissão, o que para eles significava perda de tempo, mas, com a revelação de que o brincar pode ter uma capacidade educativa, observou-se um processo que transformou a aprendizagem em algo que atraiu e deu vontade aos alunos. Isso ajuda a escola a cumprir não só seu papel de ensinar, mas também seu papel pedagógico, o trabalho lúdico deve esclarecer de onde veio e que não se limita a apenas ensinar conteúdos conceituais, mas também educar a partir do desenvolvimento físico, cognitivo conteúdo, habilidades sociais e morais (LIMA, 2013).

2.2 JOGOS E BRINQUEDOS COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE ARTES

Como apontado anteriormente, os estudantes possuem características distintas que os tornam únicos em suas especificidades, e os jogos e brincadeiras têm um papel essencial no seu desenvolvimento,

por isso a implementação desses jogos e brincadeiras deve ser considerada como um recurso para o desenvolvimento do aluno na disciplina de Artes

Segundo Teixeira e Volpini (2014), quando o aluno avança em sua totalidade e conhece o mundo ao seu redor, em um contexto amplo, a brincadeira não é apenas uma questão de diversão, mas uma forma de desenvolvimento e construção social.

Para Moraes e Araújo (2015), nessas atividades o aluno aumenta sua independência, podendo melhorar sua sensibilidade visual e auditiva de forma prazerosa, elogiar continuamente a cultura popular, desenvolver habilidades motoras, minimizar a agressividade que muitas vezes acontece, pois trabalha-se com mais regras, exercitar a imaginação e a capacidade criativa, desenvolvendo uma criança ou adolescente saudável que trabalhe para fortalecer a construção do conhecimento. É importante que o professor direcione toda a atividade e estabeleça os objetivos, oportunize que o jogo tenha um viés educacional no ensino de Artes e não apenas um jogo, a interação social e o desenvolvimento de suas habilidades artísticas.

A brincadeira não é apenas um acontecimento da vida da criança ou apenas um hobby, para Guimarães e Silva (2014) a brincadeira é fundamental e característica desde o nascimento, a adaptação ao mundo exterior ocorre principalmente por meio de suas ações cognitivas, que ativam os mecanismos sensório-motores. São os fundamentos para o desenvolvimento dos mecanismos simbólicos, onde o aluno constrói a sua compreensão das regras e começa a desenvolver brincadeiras imaginativas e variadas, desenvolve-se entre e com o meio e socializa com os pares, o aluno aprende a respeitar as regras, através brincar as crianças aprendem a agir, reagir e interagir com o mundo e entre si, estimulam a curiosidade, ganham iniciativa e exercitam sua autonomia.

Para os alunos da disciplina de Artes, essas atividades lúdicas proporcionam uma série de benefícios do ponto de vista físico, intelectual e social, e a forma como brincam reflete sua forma de pensar e agir. Assim, é possível perceber que a introdução de brinquedos, jogos e outras atividades interativas na educação básica favorece o desenvolvimento da criança, é por meio da brincadeira que o aluno desenvolve sua habilidade, conhecimento e percepção de mundo.

Segundo Santos, Costa e Martins (2010), é preciso entender o brincar como uma conquista essencial para o desenvolvimento do indivíduo e dos grupos sociais, em diferentes tempos e lugares, pois o brincar é instintivo, no brincar o ser é consciente. Hutim (2010) afirma que para o indivíduo desenvolver sua capacidade de criar, deve haver grandeza e diversidade em suas experiências. e

brincadeiras, é preciso envolver elementos realistas do cotidiano da criança e trazê-la para jogar as brincadeiras em sua vida real, adaptar e motivar com alegria no aprendizado.

O jogo dá aos alunos espaço de conflito para resolver os problemas que as cercam, as crianças reproduzem o discurso externo e o internalizam por meio do jogo, construindo sua própria forma de pensar. Ao brincar, o aluno cria relações com outros indivíduos, o que lhe possibilita aprender a trabalhar individual ou coletivamente, enquanto o aluno brinca, ele se desenvolve físico, psicológico e socialmente. O ato de brincar também pode ajudar a controlar a agressividade e organizar a rotina e atividades. sua convivência diária, mas um jogo pode se tornar uma ferramenta de desenvolvimento em si (CORRÊA; BENTO, 2012).

Nota-se então que os jogos permitem um desenvolvimento global e uma visão de mundo mais ampla, por meio de descobertas e criatividade, o aluno pode expressar, analisar e transformar sua realidade. Para Klassmann (2013), a escola poderia explorar mais o contexto dessa brincadeira, buscar formas de chegar ao conhecimento, oferecer materiais, espaços e recursos que a tornem mais enriquecida, funcionar como um elemento de atividade lúdica onde o aluno cria e recria sentimentos, emoções e conhecimentos, e proporciona um ambiente compatível com os desejos e necessidades da criança.

Segundo Moraes e Araújo (2015), além de ser divertido, o jogo também deve oferecer um certo nível de dificuldade para que o aluno possa desenvolvê-lo e, quando necessário, o responsável incentiva o aluno a se desenvolver e aprender a enfrentar os desafios, desafios, como, por exemplo, porque através da brincadeira o aluno aprende a respeitar as regras, a trabalhar em equipe, a perceber o que é certo e o que é errado, assim ela se torna um adulto que realiza seus direitos e deveres.

É por meio de atividades lúdicas que os alunos de Artes reproduzem diversas situações vivenciadas no dia a dia, que são recriadas a partir da imaginação e por meio de brincadeiras de faz de conta. O jogo desenvolve sentimentos e sensações de bem-estar, alivia a ansiedade e minimiza sentimentos e emoções ruins, ajuda o aluno a compreender as emoções negativas que fazem parte do dia a dia da estudante, o jogo cria uma conexão com o mundo, molda o seu pessoal. a identidade e a autonomia estão subordinadas a sentimentos bons como amor e sentimentos ruins como medo e insegurança, sentimentos que fazem parte do cotidiano (CORRÊA; BENTO, 2012).

O jogo se apresenta como uma ação espontânea que o aluno realiza de forma espontânea, seja sozinha ou em grupo, esse processo de aprendizado contínuo entre o aluno e o jogo e as brincadeiras, é uma fase de extrema importância na vida discente, pois afeta a vida do indivíduo, formação mental, emocional e psicomotora (SANTOS; COSTA e MARTINS, 2010). O jogo possibilita à aluno de Artes

desenvolver sua imaginação, autoestima, autoconfiança, autocontrole, a forma como brinca revela o mundo interior.

O jogo não se limita apenas a um hobby, deve ser considerado uma atividade fundamental para o dia a dia de todo indivíduo. Os alunos veem o jogo como uma forma de trabalho, pois através deste momento desenvolvem seus talentos, descobrem seus limites. realizar novas experiências e fortalecer suas habilidades, quando o aluno brinca é possível observar a seriedade com que ela trata o jogo, tanto quanto os adultos em suas pesquisas mais sérias (CORRÊA; BENTO, 2012).

Guimarães e Silva (2014) entendem que as crianças são inerentemente brincalhonas, pois foi observado que elas se envolvem em atividades físicas em jogos e brincadeiras, além de se comportarem com mais alegria e bom humor, o que resulta em sua socialização no grupo. ou seja, títulos de histórias, nomes fictícios de coisas inanimadas, animais, alimentos e brinquedos, entre outros. Portanto, considera-se que a educação lúdica contribui efetivamente para a educação e, portanto, é necessário refletir sobre sua importância no processo de ensino e aprendizagem de Artes.

Quando se trata de brincar, Corrêa e Bento (2012) entendem que é uma forma de impulso da criança que ocorre naturalmente com a finalidade de motivação, estimulação do pensamento, mobilização de planos mentais, ordem de tempo e espaço, pensamento lógico, entre outros. Quando a brincadeira realiza uma atividade física, o uso de jogos e brincadeiras torna o ambiente e o aprendizado mais envolvente, gratificante e significativo e envolve o aluno.

Segundo Guimarães e Silva (2014), ao fazer parte dos brinquedos e brincadeiras, o aluno penetra no conflito em diversas situações, para diferentes finalidades, a brincadeira torna-se uma motivação para o desenvolvimento de novas emoções, pois quando o aluno interage, não é apenas jogos, cria uma ligação entre o seu mundo interior, imaginação e fantasia, e o mundo exterior, que é a sua realidade partilhada com os outros.

O chamado jogo favorece o equilíbrio emocional do aluno e consolida o processo de aquisição dos signos sociais, criando condições para uma transformação significativa da consciência, pois exige dele formas mais complexas de relação com o mundo. Para Santos, Costa e Martins (2010), é no brincar que o aluno cria a imaginação, se desenvolve e interpreta o mundo quando regressa, fator essencial no desenvolvimento estudantil. Portanto, é de extrema importância conhecer o processo de desenvolvimento estudantil a partir das contribuições de alguns autores da área.

Quando se trata de brincadeiras em grupo, Corrêa e Bento (2012) entendem que aproximam os indivíduos e com elas aprendem a conviver e se desenvolver em equipe, a entender que a competição é necessária em relação ao desafio e que a superação precisa mesmo saber que as regras existem para estabelecer uma ordem, e que se trabalharem em grupo podem ter mais sucesso, o jogo mostra a construção de saberes relacionados ao prazer.

É notável, portanto, que, quando bem utilizadas e compreendidas, essas atividades podem contribuir para o desenvolvimento da docência em Artes, seja para a qualificação ou para a educação dos alunos. Quando uma criança ou adolescente brinca ou joga, ela passa por muitas experiências de modelar as reais necessidades da imaginação, ao adquirir conhecimento sobre o jogo compreende melhor suas ideias, de modo que o aluno passa por um novo conhecimento (GUIMARÃES; SILVA, 2014) .

Segundo Corrêa e Bento (2012), a brincadeira se torna ainda mais importante quando está ligada à imaginação, a imaginação e os jogos são aliados muito importantes para o desenvolvimento da linguagem, é na imaginação que o aluno se comunica, constrói suas próprias histórias e expressa seus desejos.

O brincar estabelece um senso de companheirismo. Brincar com os amigos, aprender a se relacionar, obedecer regras, exercer a participação efetiva, ganhando ou perdendo, o lúdico é uma ação que beneficia o desenvolvimento estudantil, pois atua como uma substância prazerosa para trabalhar em conjunto na escola (GUIMARÃES; SILVA, 2014). Observa-se que os jogos e brincadeira representam um fator muito importante na socialização da criança, pois através do jogo a pessoa torna-se apta a conviver no meio social.

Morais e Araújo (2015) entendem que o brincar pode proporcionar uma experiência completa, integrando assim ação, pensamento, emoção, jogos, teatro dramático, exercícios de relaxamento e respiração, movimentos significativos, atividades rítmicas, entre muitas outras possibilidades. No entanto, essas atividades de lazer devem ser muito bem orientadas e os ajustes feitos quando necessário.

Entende-se que os jogos e atividades possibilitam o crescimento do aluno em Artes, pois muitas vezes proporcionam a busca de soluções e alternativas para desenvolver o que adquirem de forma prazerosa. Guimarães e Silva (2014) destacam que quando o aluno brinca, ela ainda desenvolve diversas habilidades praticando atividades que lhe dão prazer, com isso também é possível trabalhar com o estado emocional da criança, por exemplo, casos de ansiedade, falta de concentração, incorporando muitos aspectos importantes. desperta interesse e mantém a atenção da criança.

Como aponta Klassmann (2013), a escola é o primeiro espaço oficial caracterizado pelo conhecimento acumulado da humanidade, é onde ocorre o desenvolvimento dos cidadãos, a convivência entre o aluno e a escola deve ser feita de forma contínua. Assim, é preciso ficar atento então que a concepção de brincar com forma de desenvolver a autonomia de estudante necessita do uso livre de brinquedos e materiais, que possibilite a expressão dos projetos criados por eles, deste modo o brincar estará contribuindo no desenvolvimento da sua autonomia.

Leal (2011) entende como sendo imprescindível enxergar com novos olhares ao verdadeiro universo mágico e encantador da ludicidade em sala de aula e em consonância, entendendo-se aí toda a prática diária do aluno, visto que é na infância e adolescência no processo educativo que os estudantes são capazes de edificar a aprendizagem através do brincar, criando e imaginando situações de representações simbólicas entre o mundo real e o mundo a ser construído com base nas suas expectativas e anseios.

Para Oliveira (2010) trabalhar com projetos na sala de aula não se limita apenas estruturar as atividades em propostas lúdicas e dinâmicas, e sim organizar os conhecimentos a serem executados de modo que esses alunos consigam explorar e aprofundar seus conceitos sobre determinados temas, sem que o trabalho educativo caia na superficialidade.

Todas aquelas atividades em que os alunos na disciplina de Artes precisam da atenção e concentração ao participarem dos jogos e brincadeiras auxiliam no desenvolvimento do cognitivo servindo de estímulo para o desenvolvimento da criança. Arantes e Barbosa (2017) destacam que quando usado de maneira adequada o ato seja de brincar ou jogar proporciona conhecimentos imponderável, pois com brincadeiras o aluno sente grande interesse e, por vezes mesmo sem perceber, ela está passando por um processo contínuo de troca de aprendizado.

De acordo com Leal (2011), na educação básica o desenvolvimento de atividades lúdicas deve ser tido como prioridades no delineamento de atividades pedagógicas contidas no escopo planejamento escolares realizadas pelos professores e coordenadores. Essa inclusão visa, portanto a dinamização das atividades realizadas ao longo de toda a prática docente, oportunizando a eficácia e significação da aprendizagem.

Nesse sentido fica esclarecido que brincando o aluno aprende a conviver e a esperar por sua vez, bem como seguir regras e lidar com frustrações sem deixar que isso interfira na sua vida, o aluno desenvolve sua linguagem, seus pensamentos, concentração, conseguindo assim participação satisfatória da criança no desenvolvimento do seu conhecimento.

A escola deve ser favorável ao brincar concretizando uma aspiração antiga a da valorização da ludicidade natural do ser humano e a popularização das atividades lúdicas, as brincadeiras devem ser vistas como um meio, um direito e um dever da criança, de acordo com ele a escola é o ambiente de preservação e aprendizagem da cultura lúdica e os educadores devem manter em consideração os saberes a respeito do brincar e sua predisposição em criar, lembrando que se estimuladas com novos saberes à criança tende a progredir (KLASSMANN, 2013).

2.3 DESAFIOS E IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTES

Compreender que os jogos e brincadeiras têm papel essencial para o desenvolvimento estudantil até então é consenso, e quando pensado sobre as práticas e currículos em Artes, conseguimos observar essa aproximação. Todavia as universidades precisam contemplar esses aspectos quando pensado na formação do professor de Artes, uma vez que se torna essencial pensar nesses aspectos.

A utilização da brincadeira e do jogo serve como ferramenta de desenvolvimento da aprendizagem, pois o estudante aprende a lidar com o mundo, construindo sua personalidade, e sentimentos a lidar com o medo (MORAIS; ARAÚJO, 2015). Teixeira e Volpini (2014) entendem que se o brincar auxilia na aprendizagem, é preciso que os educadores sejam pertinentes ao lúdico, pois do contrário o desenvolvimento educativo perderá a sua principal característica.

Uma vez que é dado ênfase aos jogos e brincadeiras, os professores de Artes terão uma ferramenta essencial para o trabalho cotidiano na facilitação da aprendizagem de seus alunos. O ensino na visão de Rimoldi, Andrade e Bolzan (2016), se configura como sendo uma das etapas de fundamental importância na vida do educando, pois é nela que particularidades da personalidade são desenvolvidas, isso é, traço bom e ruim, a partir do professor que os alunos conseguem construir conhecimentos expressivos e começam a se socializarem.

Nessa perspectiva valorizar o lúdico no processo de ensino de Artes significa considerá-lo na concepção do imaginário, sendo implantado na sala de aula como algo espontâneo, possibilitando sonhar, realizar objetivos, fantasiar e viver como são. Para Teixeira e Volpini (2014) é a partir do ato de brincar que o professor obtém informações de grande valor sobre seus alunos além de auxiliar no desenvolvimento de sua criatividade, autonomia e interação com seus, na construção do raciocínio lógico matemático, nas representações de mundo e de emoções, auxiliando assim na compreensão e desenvolvimento do universo estudantil.

O grande desafio dos educadores atualmente tem questionado quanto ao modo de ensinar, frente às várias opções tecnológicas oferecidas aos alunos, os educadores precisam estabelecer criatividade e inovar, esses devem estimular a motivação e uma boa alternativa poderia ser o uso de atividades lúdicas (RIMOLDI; ANDRADE; BOLZAN, 2016). É necessário que o profissional de Artes trabalhe mais as brincadeiras, os jogos, a coordenação motora, desenvolvendo um trabalho pedagógico mais centrado nessas habilidades, em suas características, beneficiando os alunos e contribuindo para uma formação que as considere suas subjetividades do processo de aprendizagem.

Para Silva (2015) a possibilidade aos educadores a formação de atitudes positivas em relação a crianças onde a diversidade agrega alto valor para o desenvolvimento de forma particularizada e coletivizada no social, fazendo-a notar que os educadores são como base sólida para a estruturação de personalidades, as quais poderão se tornar defasadas, dependendo do acompanhamento obtido na escola e das decepções vividas.

De acordo com Santos (2014), é necessário que o educador utilizar os jogos e as brincadeiras para aplicação em suas práticas pedagógicas, a qual pode ser aplicada em todas as disciplinas, pois auxilia o aluno aprender os conceitos básicos de matemática, o alcance da leitura e letramento, além de permitir o contato com regras, o desenvolvimento da percepção, da assimilação, interpretação e comunicação.

Como é na educação básica a base da formação no contexto sócio educacional de todo cidadão, o lúdico se constitui como um recurso pedagógico eficaz para as aulas de Artes, que envolve o aluno nas atividades, permitindo o aluno se desenvolver cognitivamente.

Nesse sentido Rimoldi, Andrade e Bolzan (2016) destacam que o professor tem caráter interventivo, no brincar livre, pois, por mais que sejam planejadas, as brincadeiras, pode ser haver imprevistos indesejáveis durante a brincadeira, sobretudo, mesmo que a atividades não seja objetiva, que às vezes, pode acontecer de passar despercebido em um planejamento, agregar algum conhecimento para os envolvidos naquele momento.

O brincar auxilia a aprendizagem, então, é preciso que o professor facilite a inclusão do lúdico, pois nada será feito se os professores não se interessarem por essa maneira de educação. O profissional necessita aumentar a criatividade, o entusiasmo, à alegria e observar as crianças no decorrer da atividade, é necessário que o educador entenda o brincar, a fim de compreender o universo estudantil (TEIXEIRA; VOLPINI, 2014).

Assim é possível refletir a cerca do devido uso das brincadeiras nas aulas de Artes, com os quais podemos desenvolver um trabalho efetivo deixando os alunos se expressarem espontaneamente ainda sim auxiliando no desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e motor deles. Para Santos (2014) os artefatos lúdicos, como os brinquedos, e outros são indispensáveis ao desenvolvimento, pois para ele não há atividade mais integrativa do que o brincar, sendo que através dele, o aluno é posto no meio sociocultural do adulto, constituindo-se num modelo de assimilação e recriação da realidade.

De acordo com Teixeira e Volpini (2014), às crianças que estão nas creches aprendem a compartilhar o espaço, os brinquedos e inclusive os próprios sentimentos, nesta primeira etapa a educação não está atrelada para conteúdos ou conhecimento formal, pois a educação básica atua sobre a interação e a brincadeira, fazendo com que o aluno comesse a se relacionar com outras crianças, cria suas próprias experiências e passam a ter privacidade.

Assim é possível perceber que o brincar nas aulas de Artes poderá auxiliar na construção do conhecimento, proporcionando momentos onde os alunos expressam diferentes sentimentos, realizando atividades lúdicas no intuito de auxiliar na sua socialização, vivenciando situações de trabalho em equipe e respeito. Silva (2011) destaca que o professor de sai do papel de agente exclusivo de informação e formação dos alunos, e passa a desempenhar no contexto escolar uma função de extrema relevância que é a de elemento mediador e intercessor das interações entre os alunos assim como destas com os objetos de conhecimento.

Segundo Lima (2013), a formação profissional precisa de harmonização entre os conhecimentos pedagógicos e os conteúdos que levem à apreensão dos conhecimentos do mundo, todavia o que se observa é a existência de cursos de formação fortemente teorizados com ausência da prática reflexiva e de um perfil profissional que não considera como pesquisador da prática pedagógica.

É possível perceber que os brinquedos e jogos fazem com que o aluno desenvolva seu domínio e controle próprio, podendo construir seu mundo imaginário e se preparar para seu futuro, habilidades essenciais para o desenvolvimento em Artes. Para Oliveira (2010), é de suma importância que o corpo docente faça uma quebra com o paradigma de que o brincar seja algo que não exprime seriedade e organização, mas é de suma relevância considerar que as atividades lúdicas podem acontecer em meio, ou não ao planejamento do professor.

Assim sendo é de suma importância que o professor de Artes esteja sempre informado e atualizado sobre quais as vantagens do lúdico, desenvolvendo a melhor maneira de abordar e conduzir as atividades lúdicas dentro da sala de aula.

É imprescindível a presença de um profissional sendo fundamental, uma vez que favorece e proporciona a interação, arquiteta e organiza ambientes para que o brincar possa acontecer, estimulando à competitividade e as atitudes cooperativas, o professor desperta no aluno a vontade de brincar, auxiliando assim a aprendizagem. Averigua-se igualmente que é importante garantir o direito à educação evitando-se qualquer tipo de trabalho estudantil, além de assegurarem-se espaços físicos e recursos materiais apropriados para a garantia do brincar dentro das escolas de educação básica (TEIXEIRA; VOLPINI, 2014).

De acordo com Santos (2014), aprender através do brincar aumenta de significativamente o desenvolvimento dos alunos, uma vez que as atividades são encaradas como algo instintivo, sem pressões ou massificação de conteúdos. Para Teixeira e Volpini (2014), é importante que o responsável sistematize e estruture o espaço de modo a estimular o aluno ao brincar, de competir e cooperar, pois em relação ao brincar o que é mais importante é a participação e aliando a teoria à prática acontece a valorização do saber.

Entende-se então que o lúdico é um facilitador no processo de ensino-aprendizagem de Artes, considerando isso. É preciso fazer com que as brincadeiras propiciem prazer para as crianças. Oliveira (2010) relata que é necessário que o professor esteja sempre pronto a elaborar propostas lúdicas, que acrescentem o brincar em todo processo do trabalho na educação básica, onde seja possível mediar a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, auxiliando a progredir na definição de sua identidade, em meio ao ambiente social que a cerca e nas formas de comunicação e linguagem a serem elaboradas por ela.

Corrêa e Bento (2012) entendem que é valioso que os educadores disponham de medidas envolventes que desperte o interesse dos educandos, professor e alunos em total sintonia. Deve-se reconhecer a importância do trabalho em equipe, proporcionando assim a troca de ideias, autoconfiança e a socialização.

Na brincadeira o aluno estabelece relação entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, ou seja, no lúdico o aluno converte os conhecimentos que já possui anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca (TEIXEIRA; VOLPINI, 2014).

O aluno da educação básica possui características únicas que precisam ser respeitadas e o educador necessita estar sempre se atualizando a fim de desenvolver atividades que contemple as diversas necessidades dos alunos que nesse momento estão descobrindo o mundo e a si próprios.

A brincadeira é maneira de associar o ensinar e o aprender, possibilitando ao aluno um maior acesso aos campos da imaginação e da criatividade, além de permitir seu desenvolvimento cognitivo e corporal, seu reconhecimento e sua interação social, ressalta-se ainda que é considerada pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação básica como sendo um dos princípios fundamentais, sendo defendida como um direito, uma forma particular de expressão, comunicação, pensamento e interação entre os indivíduos (SANTOS, 2014).

Percebe-se então que o lúdico é importante para educação básica isso, pois soma para o crescimento das crianças, inclusive em seus aspectos intelectuais, uma vez que as brincadeiras para o aluno estão atreladas ao compromisso.

Guimarães e Silva (2014) ressaltam ainda sobre o “falso jogo” que são imposições de produtos e padrões de comportamento voltados para a neutralização das pessoas aos aspectos mais essenciais da vida e neste processo o aluno é a maior vítima, de acordo com eles, esses não contribuem para a formação, para a educação, sua função é doutrinar as pessoas ao consumismo.

Rimoldi, Andrade e Bolzan (2016) ressaltam que caso aconteça falta de atenção dos docentes, permitindo os alunos brincarem de maneira livre, sem um propósito, objetivando de deixar o tempo passar, acredita-se que não se pode avaliar o aluno devidamente, o aluno brincar livremente não quer dizer que o professor de não precisar planejar acompanhar e avaliar essa ação, o aluno indiretamente estará em processo de construção de aprendizado sem perceber.

Nesse sentido os jogos e brincadeiras apresenta-se como sendo de suma importância na construção do conhecimento, pois se sabe que o ato de brincar é algo espontâneo, e por esse motivo a prática educativa lúdica surge como uma peça essencial de mediação ao processo de ensino de Artes, no qual o seu desenvolvimento torna-se importante para a construção e interação social do aluno com o meio e fortalece as relações interpessoais.

Assim sendo a escola precisará facilitar a aprendizagem, se valendo de atividades lúdicas que propiciem um ambiente alfabetizador para favorecer o processo de aquisição da linguagem escrita, o saber escolar deve ser enaltecido socialmente e a educação deve ser um processo dinâmico e inovador (RIMOLDI; ANDRADE; BOLZAN, 2016).

Os brinquedos e jogos são importantes para a atividade de brincar, uma vez que permitem o aluno o domínio e o controle próprio sobre alguns aspectos de seu real ambiente de convívio inclusive sobre seus mundos irreais e imaginários. Para Santos, Costa e Martins (2010), o brincar no âmbito

educacional favorece meios de aprendizagens, bem como possibilita que os adultos sejam perceptivos e aprendam com as crianças e adolescentes e suas necessidades, que vai servir como forma de medida no desenvolvimento da aprendizagem e os educadores possam replanejar e promover novas aprendizagens seja no domínio cognitivo e afetivo.

Rimoldi, Andrade e Bolzan (2016) entendem o lúdico na unidade escolar como sendo de importância fundamental para o aprendizado do aluno, quando planejado devidamente, para eles alguns professores tem certa implicância com esta nova ferramenta que está cada vez mais presente em nosso dia-a-dias das salas de aulas, auxiliando no aprendizado de nosso aluno, esses profissionais acreditam que o brincar deve se proporcionar aos envolvidos só como forma de descanso no horário do intervalo e nas aulas de recreação, assim não atrapalhando o aprendizado dos alunos.

Assim, é notável que a brincadeira é importante para o desenvolvimento tanto psicológico quanto social, e é através dela que o aluno pode expressar os seus sentimentos em relação ao meio, o aluno consegue viver e reconhecer a realidade através dos brinquedos e brincadeiras, e quanto mais ela brinca, maior será o desenvolvimento sob os variados aspectos, inclusive corporal.

Ao planejar atividades lúdicas é necessário que o educador tenha em mente que quando brinca o aluno prova, descobre, inventa, aprende e conferem habilidades, além de desenvolver competências, estimular a autoconfiança e a autonomia, favorece o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e atenção que são essenciais ao bom desempenho de estudantes na escola e na vida (SANTOS; COSTA; MARTINS, 2010).

Os jogos podem não serem soluções únicas para os problemas pedagógicos, porém é possível afirmar que eles são muito importantes para o desenvolvimento de qualquer aluno, dependendo da forma e da qualidade dos jogos é possível que o aluno consiga prepara-se para seu futuro como ser humano através dos jogos e brincadeiras.

O brincar favorece a interação do ensinar e do aprender, possibilitando ao aluno um maior acesso aos campos da imaginação e da criatividade, além de possibilitar seu desenvolvimento cognitivo e corporal, seu reconhecimento e sua interação social (SANTOS, 2014). Para Teixeira e Volpini (2014), no ato do brincar, através das ações dos discente, é possível que o educador diagnostique problemas relacionados a valores morais, comportamentos em diferentes ambientes, conflitos emocionais e cognitivos, ideias e interesses.

De acordo com Santos, Costa e Martins (2010), as práticas educativas lúdicas auxiliam o processo de ensino-aprendizagem, proporcionando maior rendimento escolar ao aluno um e a sua interação de forma espontânea, a qual os jogos podem difundir noções de conceitos e conhecimentos em torno de qualquer assunto, valendo-se de recursos que estejam inseridos no contexto social do aluno como forma de relacionar a realidade da mesma com materiais que possibilitem uma aprendizagem significativa da relação de seu conhecimento de mundo.

A partir das brincadeiras os alunos aprendem de modo espontâneo, sem imposição, desenvolvendo o prazer pela aquisição de novos conhecimentos, desenvolvendo a sociabilidade, fomentando relações sociais aprendendo e convivendo respeitando o direito dos outros e normas estabelecidas.

Santos, Costa e Martins (2010) corroboram que não existe aprendizagem sem a interação com o outro, isso é, é necessário promover o convívio social para que através da relação do aluno com o ambiente em que vive, a mesma adquira experiências em seu processo de desenvolvimento no sentido de favorecer as áreas afetiva, emocional, intelectual e social.

O brincar na educação básica possibilita que o aluno tenha um desempenho constante na sua educação, e auxilia o aluno no seu comportamento, desempenham papéis sociais, fortalece a imaginação a criatividade e capacidade motora de raciocínio (HUTIM, 2010). Quando os alunos brincam, eles aprendem a participar das atividades de algo que para elas são prazerosas, sem intuito de recompensa ou medo de castigo, fazendo algo criativo.

Assim sendo é fundamental que o aluno tenha uma educação integralizada que a compreenda de modo incondicional, é necessário proporcionar o desenvolvimento do educando, considerando-o em aspectos sociais, emocionais, cognitivos e comunicativos (LIMA, 2013). Nessa perspectiva o educador deve se colocar na condição de mediador e considerar as especificidades de seus alunos, a bagagem de informações prévias, as vivências que cada um traz para o ambiente escolar, utilizando o lúdico como uma atividade complementar à atividade pedagógica.

De acordo com Santos (2014) é no período dos dois a sete anos, fase em que as crianças estão inseridas na educação infantil e no primeiro ano do ensino fundamental, é considerado pela neurociência um período crítico, onde ocorrem saltos qualitativos e quantitativos no desenvolvimento das crianças, e a brincadeira interfere consideravelmente neste processo, porém, isso submetesse diretamente das influências sofridas pelas crianças, sejam elas pela escola ou no próprio seio familiar.

Para Lima (2013), o desequilíbrio entre as áreas a serem trabalhadas, acarreta a valorização de um aspecto do desenvolvimento estudantil em detrimento de outros, porém, o aluno precisa de todos os seus diversos aspectos do desenvolvimento presentes no trabalho escolar da educação básica, nessa perspectiva as instituições escolares, tanto em seus projetos pedagógicos como no fazer pedagógico em sala de aula, estão sempre em busca do equilíbrio.

Na Educação básica o aluno adquire vários conhecimentos e desenvolve várias habilidades, assim o auxílio das atividades lúdicas é essencial uma vez que as alunos expressam seus sentimentos. Fica muito claro que o brincar colabora para o processo de formação do estudante, considerando que são formadas por experiências sociais, pelo contato com o outro, com o brinquedo e brincadeiras diversas.

O aluno em sua vida precisa de algo que o aproxime de sua realidade para aprender e desenvolver seu futuro, nesse sentido atividade lúdicas irão contribuir diretamente, sem essas atividades o aluno se transforma em um ser humano pouco experiente, o lúdico possibilita o aluno se defender e aprender os passos da vida e do seu futuro, tendo uma grande importância no desenvolvimento estudantil.

Para Moraes e Araújo (2015), o educador se torna essencial nesse processo, educar não se restringe apenas a repassar informações ou apenas demonstrar um caminho, mas se caracteriza como algo muito mais amplo é ajudar ela a tomar compreensão de si mesmo, e da sociedade.

É importante que se tenha compreensão o quanto é relevante a utilização das brincadeiras, jogos e outras atividade lúdicas, visto que isso motiva o aluno e o educador inova sua prática, consegue êxito no processo ensino aprendizagem de e posteriormente, leva o aluno a pensar e interagir de forma mais dinâmica com seu meio (SANTOS; COSTA e MARTINS, 2010).

Sendo assim é possível perceber que é necessário que o professor de Artes necessite ficar atento às necessidades dos alunos a fim de conseguir selecionar materiais apropriados, que despertem nelas o interesse, favorecendo e incentivando a criatividade, aumentando novas possibilidades de aprendizagem e levando em consideração a faixa etária/série.

Para Corrêa e Bento (2012), o que falta nas escolas não é material apropriado, mas criatividade, isso, pois uma tampa de garrafa comum pode se tornar uma peça importantíssima, isso dependerá única e exclusivamente da maneira como será explorado e conduzido esse objeto. Para o aluno não importa o objeto, qual for não poderá proporcionar uma brincadeira monótona, pois ele valoriza o brinquedo de acordo com sua sensibilidade e emoção, o que conta no todo é a sua imaginação.

Morais e Araújo (2015) relatam que se espera que os professores de educação básica utilizem o lúdico para fortalecer suas habilidades e competências de maneira cortês para o educando. Para Teixeira e Volpini (2014) alguns alunos e alguns contextos escolares nem sempre oferecem a oportunidade do brincar de forma adequada, pois alguns fatores impedem que isso aconteça como o trabalho, falta de espaço apropriado nas instituições de ensino para essa faixa etária.

Morais e Araújo (2015) entendem como sendo de competência da educação básica adequa-se para que seus educandos tenham um espaço cheio em atividades lúdicas, pois se sabe que os alunos em sua maioria acabam passando grande parte de seu tempo dentro de instituições ensino, nesse sentido tal ambiente tem que criar um local no qual possibilite que elas vivam, sonhem, criem e instruem-se.

Nota-se que os jogos e brincadeira quando utilizados na educação básica auxiliam e na aprendizagem, no momento em que os alunos brincam, eles aprendem e se desenvolvem e tudo que adquirem é de suma importância. De acordo com Oliveira (2010) não se deve supor o brincar como único recurso para o ensino, mas, todavia, é possível sim observar que o brincar possui sua importância no que se refere à imaginação, fantasia, divertimento, alegria e prazer durante o aprendizado.

Segundo Guimarães e Silva (2014) é evidente que o aluno aprende a brincar precocemente e necessidade de espaço para expor suas ações e que tenham recursos humanos para comunicar-se com ele e isso vem sendo debatido, nesta etapa de educação básica o papel do professor é muito importante, por ser o mediador na criação de espaços, na disponibilização materiais, conseguir projetos e interagido nas brincadeiras.

Para Corrêa e Bento (2012), o jogo permite no momento do brincar a aprendizagem, adelgçando a criatividade, o pensar, raciocinar, descobrir, persistir, interagir, socializar, e o inventar e reinventar. Os jogos possibilitam que o aluno tenha uma dimensão acerca do tempo, quantidade e compreensão da sequência e serve como forma de equilíbrio entre o aluno e o mundo.

O uso da criatividade é em suma fundamental para que o professor de Artes, sendo o intercessor neste processo propicie o trabalho de qualidade e que sejam capazes de brincar com os alunos. Se tratando dos jogos na infância e adolescência, Corrêa e Bento (2012) ressaltam que podem ser compreendidos como atividades de caráter recreativas, mas também podem ser utilizadas como recurso didático em sala de aula, ou seja, inseridos não apenas como passatempo, mas com diversos objetivos pedagógicos, os jogos são experiências polivalentes e também podem viabilizar o apoio mútuo, a cooperação e o companheirismo.

O educador deve ser estimulado a inserir o lúdico na sua forma de trabalhar, sendo levados a ter compreensão das vantagens de transmitir seus conhecimentos a partir de jogos e brincadeiras (MORAIS; ARAÚJO, 2015). Corrêa e Bento (2012) ressalta que o professor poderá disponibilizar tempo e espaços para desenvolver jogos e brincadeiras dentro e fora da sala de aula, agindo como mediador, permitirá explorar esse momento de maneira consciente, direcionando todas as atividades de modo a estimular a aprendizagem, valorizando não apenas a resposta da atividade lúdica, mas a própria brincadeira, o simples feito de brincar, a experiência vivida e as descobertas executadas durante todo o processo.

Assim é possível notar a relação do lúdico com o desenvolvimento estudantil, uma vez que esse contribui para aprendizagem, propiciando espontaneidade, afetividade, criatividade, sendo fatores essenciais para o sucesso educativo.

De acordo com Moraes e Araújo (2015), a escola ao reconhecer a importância do lúdico associando jogos e brincadeira no seu planejamento pedagógico, o professor consegue que o aluno forme um bom conceito do mundo e da sociedade, pois na utilização do lúdico trabalha-se afetividade, a sociabilização, a criatividade, a estimula-las, os direitos e deveres de cada uma.

Muito se fala da necessidade de melhorar o ensino em nosso país, porém, para que isso aconteça, é preciso mudar a maneira de ensinar os educandos. Moraes e Araújo (2015) ressaltam que o educador deve instigar o aluno e mostrar maneiras diferenciadas para que ele crie, inove, descubra e construa o seu conhecimento.

Nesse sentido, Guimarães e Silva (2014) entendem que o lúdico não esteja presente somente na ação de brincar, está associada também no jogar, cantar, contar enfim pode-se apropriar-se naturalmente da compreensão do mundo. Assim as atividades lúdicas pelo seu potencial criativo atraem a atenção dos alunos se constituindo em uma forma da aprendizagem.

É preciso então compreender que o professor de Artes precisa assumir variadas posturas diante das brincadeiras, em um primeiro momento o educador pode ser um simples observador, um organizador ou até mesmo um personagem da brincadeira mediando entre as crianças e o conhecimento.

Assim se sabe que a necessidade do professor de pensar nas atividades lúdicas, como uma ferramenta e com isso utiliza-las em diferentes momentos de seu planejamento. Sempre ressaltando que o jogo e a brincadeira exigem que haja choque de ideias, negociação e trocas, sempre motivando conquistas cognitivas, emocionais e sociais (MORAIS; ARAÚJO, 2015).

De acordo com Corrêa e Bento (2012), necessitamos valorizar a inserção das brincadeiras na escola, pois quando o aluno aprende brincando, o mundo do saber fica associado diretamente ao do prazer, e com isso há uma maior capacidade de assimilação do conhecimento.

Assegurar um espaço de ludicidade na instituição de ensino é afirmar um ensino e aprendizagem com uma perspectiva de um ambiente de socialização, de edificação de relação com o outro, de assimilação de diferentes culturas, de aprendizado, solução e escolhas e de ampliando a imaginação e capacidade criadora do educando (MORAIS; ARAÚJO, 2015).

O brinquedo auxilia no desenvolvimento dos alunos, favorecendo o seu desenvolvimento, uma vez que eles acabam se projetando nas atividades adultas e nesse momento o aluno está desenvolvendo as suas habilidades para participar ativamente como um ser social diante da sociedade. Como é possível perceber, o lúdico é usado para que haja total interação do aluno para um ensino-aprendizagem de Artes eficaz necessário para que o aluno construa o seu próprio conhecimento e assimilem os conteúdos. (MORAIS; ARAÚJO, 2015).

De acordo com Corrêa e Bento (2012), o aluno que brinca se desenvolve mais, e o educador que se propõe a utilizar essa ferramenta no processo de ensino e aprendizagem também aprende junto. É brincando que o aluno concede sentido ao seu mundo, como ela o interpreta e o assimila nesse sentido o brincar poderá ser o reflexo da vida real de uma criança.

Sendo assim, para que seja assegurada a qualidade nas atividades lúdicas é imprescindível que na escola tenha em sua concepção as atividades com fundamentos para o desenvolvimento de um todo no seu educando sendo assim é necessário que o professor de sempre planeje as circunstâncias de suas atividades, sempre o delimitando tempo para essa brincadeira, fornecendo dessa maneira um brincar qualificado, assim, além do desenvolvimento de capacidades e habilidades construídas, enquanto os alunos brincam, eles se tornarão cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres diante da sociedade (MORAIS; ARAÚJO, 2015).

Então para Moraes e Araújo (2015), o lúdico deve ser encorajado como uma ferramenta didática para o educador, como forma uma maneira de tornar a aprendizagem mais prazerosa, agradável e eficaz, para ele proporcionar conhecimento através de atividades como jogos e brincadeiras podem permitir o educando para que a mesmo obtenha melhor desempenho em sua aprendizagem. Tornam-se várias as vantagens de transmitir o conhecimento ludicamente e, dentre elas, observa-se, a melhoria da capacidade cognitiva do educando, a potencialização da sua capacidade psicomotora, bem como, da sua capacidade de se relacionar com os seus colegas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente capítulo teve por objetivo analisar a importância da inserção de jogos e brincadeiras na educação básica, dando ênfase para o ensino de Artes. Esse estudo embasou-se na literatura científica buscando dados sistematizados, o qual oportunizou um aprofundamento dos conhecimentos do tema da prática educativa lúdica para o professor de Artes.

Foi possível fazer uma reflexão histórica acerca do lúdico desde a sua origem, suas modificações e repercussões no contexto educativo e social, o qual posteriormente foi possível entender a relação das atividades lúdicas no contexto educativo verificando as contribuições do lúdico para o ensino de Artes. Observou-se ainda os principais componentes da ludicidade como os jogos, brinquedos, a dança e outras brincadeiras, as quais são muito importantes para o professor de Artes, uma vez que ficou esclarecida a extrema necessidade de inclusão do lúdico como ferramenta educativa e facilitadora do saber e desenvolver do educando.

Foi possível compreender o perfil do professor e o seu papel interventivo e facilitador, passível de utilizar o brincar e o jogar como método de ensino e aprendizado. Observou-se ainda o aluno e sua relação com a brincadeira, com o jogo, sendo de suma importância, uma vez que se trata de uma atividade prazerosa e que oportuniza uma forma de aprendizado, não somente uma atividade recreativa.

A respeito da reflexão presente neste estudo sobre como os jogos e as brincadeiras que têm sido realizadas e quais seus significados pôde-se concluir que é necessária essa intervenção direta do professor nas atividades dos alunos, uma vez que a importância dada ao jogo está relacionada ao recurso pedagógico e a possibilidade de favorecer o pleno desenvolvimento estudantil.

Quanto maiores for as intervenções dos professores de Artes a seus alunos, transformando o processo de brincar e jogar em um processo coletivo, propiciando-se as interações sociais e o intercâmbio de atitudes no ato de brincar, maiores serão a probabilidade de que essas crianças, aprendendo a coordenar suas ações nas brincadeiras e adquirindo novas experiências sociais e culturais, aprendam a coordená-las e a atuar em outras situações diferenciadas.

Conclui-se que as brincadeiras devem ser utilizadas como recurso de fundamental importância pelo professor, uma vez que esses, tanto o brinquedo quanto a brincadeira o aproximam da realidade do aluno e permitem que os alunos se desenvolvam dentro dos aspectos sociais, psicomotor e cognitivo.

Por fim sugere-se que pesquisas novas sejam executadas permeando as várias características acerca do lúdico, uma vez que se trata de um tema amplo e ainda escasso na área de Artes.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, A. R. V.; BARBOSA, J. T. S. O lúdico na educação básica. Revista Online de Magistro de Filosofia: Ano X, Goiás, n. 21, p.100-115, 2017. Semestral.
- CORRÊA, L. S.; BENTO, R. M. L. A importância do lúdico para a aprendizagem na educação básica. Faculdade Panamericana de Ji Paraná, Ji Paraná, p.1-21, 2012.
- FREITAS, M. D. A importância do brincar na educação básica. 2015. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Pará de Minas, Pará de Minas, 2015.
- GUIMARÃES, M. I. P.; SILVA, E. N. A importância do lúdico na educação básica na idade de cinco anos. Revista Científica Semana Acadêmica, Fortaleza, n. 65, p.1-13, dez. 2014.
- KLASSMANN, L. M. G. O lúdico no processo de aprendizagem de crianças da educação básica. 2013. 38 f. Monografia (Especialização) - Curso de Métodos e Técnicas de Ensino, Diretoria de Pesquisa e Pós-graduação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.
- LEAL, F. L. A importância do lúdico na educação básica. 2011. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Piauí, Picos, 2011.
- LIMA, B. A. S. O brincar na educação básica: O lúdico como estratégia educativa. 2013. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Rev. Katál. Florianópolis, Santa Catarina, v. 10, p.37-45, 2007.
- MORAIS, E. O.; ARAÚJO, E. J. Jogos e brincadeiras: o lúdico na educação básica e o desenvolvimento intelectual. Revista Saberes, Pimenta Bueno, p.1-15, 2015.
- OLIVEIRA, A. P. A importância do lúdico na educação básica. 2010. 85 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.
- RIMOLDI, A.; ANDRADE, D. BOLZAN, O. O lúdico na aprendizagem da educação básica. Revista Conversatio, Xaxim, v. 1, n. 2, p.373-389, 2016.
- SANTOS, S. M. P. O lúdico em diferentes contextos. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 144 p.
- SANTOS, Kathiene Regina dos. O lúdico no desenvolvimento estudantil: um estudo teórico. 2014. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Instituto de Biociências- Rio Claro, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, 2014.
- SILVA, F. F. A vivência lúdica na prática da educação básica: dificuldades e possibilidades expressas no corpo da professora. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, Departamento de Ciências da Educação, Universidade Federal de São João Del-rei, São João Dei-rei, 2011.
- SILVA, M. P. A importância do lúdico na educação básica. 2015. 49 f. TCC (Graduação) - Curso de graduação em Pedagogia, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- TEIXEIRA, H. C.; VOLPINI, M. N. A importância do brincar no contexto da educação básica: creche e pré-escola. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro, v. 1, n. 1, p.76-88, 2014.

TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E ARTES:

O SUJEITO, O LÚDICO E A PRÁXIS
DO ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

João Paulo da Silva Brito



conhecimentolivre.org/home



contato@conhecimentolivre.org



[editoraconhecimentolivre](#)



EDITORA CONHECIMENTO LIVRE